

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CAMILA CRISTINE VIANA MENDES

**EDUCAÇÃO SOBRE UM NOVO OLHAR: ANÁLISES A PARTIR DA ÓTICA DO
ALUNO**

RIO DE JANEIRO

2021

CAMILA CRISTINE VIANA MENDES

**EDUCAÇÃO SOBRE UM NOVO OLHAR: ANÁLISES A PARTIR DA ÓTICA DO
ALUNO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Italiano, na Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof^ª Dra. Priscila Andrade Magalhães Rodrigues

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus Jeová, tão forte e presente em meu coração, que me ajuda e se faz existente em minha vida.

A minha mãe, Maria da Guia Viana Mendes, que me ensinou valores bondosos e fortes, me mostrando a força e luta da mulher, além de sempre ter acreditado, incentivado e sido exemplo para mim e minhas irmãs.

Ao meu pai, Francisco de Assis Mendes, que me ensinou a questionar e buscar justiça.

Ao meu companheiro, Pedro Bezerra, sempre ao meu lado me encorajando e apoiando.

Às minhas irmãs Priscila e Letícia, minhas amigas, mulheres tão fortes que tanto admiro, aprendo e tenho orgulho.

Aos meus sobrinhos, Flora e Vicente, que me enchem de amor e alegria, e me estimulam a ser melhor.

E, por fim, aos principais responsáveis por esta pesquisa, meus alunos, que me ensinam diariamente e que fazem de mim uma educadora e cidadã mais justa.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi escrito por muitas mãos, durante todo o meu percurso. Mãos estas que me apoiaram, direcionaram e, até mesmo, impulsionaram a ser a educadora, mulher e cidadã que busco ser hoje. Estas pessoas, durante toda a minha trajetória, estiveram ao meu lado e me ensinaram muito mais do que eu imaginei aprender. Através delas, eu pude olhar o outro, pensar em coletivo, principalmente como estudante e professora. Por isso, cabe aqui agradecer e mencionar todo o meu suporte, exemplo e inspiração. Muito obrigada.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo.

A minha família, minha base, que esteve sempre ao meu lado me apoiando e incentivando.

Agradeço a minha orientadora, Priscila Andrade, que sempre de maneira tão gentil, solícita e estimulante, me ajudou e tirou dúvidas, apresentando leituras e conversas que tornaram este trabalho muito mais agradável e enriquecedor.

A Redes de Desenvolvimento da Maré, em especial ao projeto Preparatório para o Ensino Médio, por me permitir ter a experiência como educadora, realizar esta pesquisa e atuar pela educação libertadora.

Aos meus alunos, principais responsáveis pelo meu interesse e dedicação pela educação.

A minha psicóloga Juliana Benter, pelo trabalho, escuta e ajuda na elaboração deste desejo.

“A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”

Paulo Freire

RESUMO

O seguinte trabalho tem como finalidade apresentar a visão dos alunos de camadas populares acerca da educação. Em especial, analisar suas expectativas, ideias e sugestões sobre a escola e o estudo. Para melhor retratar a visão destes estudantes, foi realizado um recorte com adolescentes moradores do Complexo da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. Estes jovens são inscritos no projeto Preparatório para o Ensino Médio, realizado pela organização social Redes de Desenvolvimento da Maré e estão entre o 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Como metodologia, foi analisado um questionário socioeconômico e realizada uma entrevista coletiva com 12 estudantes, questionando-os sobre sua visão da escola, os motivos que os mobilizam a estudarem e sugestões sobre o que modificariam na instituição escolar. A experiência da pesquisadora enquanto educadora no contexto analisado, auxilia na discussão e análise dos temas *in loco*. Observou-se nos alunos um olhar de atenção e importância à escola, muitas vezes trazidas por seus pais. Entretanto, embora vejam a instituição escolar como essencial, os alunos demonstram desejo em participar das escolhas escolares, questionam comportamentos docentes e, sobretudo, apresentam o interesse em que a escola atenda às suas necessidades reais, auxiliando em situações do cotidiano, como por exemplo, educação financeira. A partir da fala dos alunos, é possível transitar entre temas sociais, psicológicos e educacionais, fazendo uma reflexão sobre a visão destes discentes com o papel da educação e como ela se reproduz entre as camadas mais vulneráveis do Estado.

Palavras chaves: Educação, Desigualdade, Estudantes de camadas populares, Visão sobre a escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. METODOLOGIA	10
4. UM OLHAR PARA SI: CONHECENDO O ALUNO.....	13
5. UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	16
5.1 FORMAÇÃO FAMILIAR: UM OLHAR AOS PAIS.....	18
5.2 VISÃO DE APOIO X OLHAR OPRESSOR.....	24
5.3 A EDUCAÇÃO COMO INTERFERÊNCIA AO OLHAR DO ALUNO.....	27
6. UM OLHAR PARA A ESCOLA	29
6.1. PERIGO DE UM OLHAR DISTORCIDO.....	33
7. DE OLHO NO POSSÍVEL.....	41
7. 1. COLOCANDO EM PRÁTICA O OLHAR DISCENTE.....	49
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

O Complexo da Maré, comunidade localizada na zona norte do Rio de Janeiro, é uma das maiores favelas do Estado, que abriga cerca de 139.073 moradores ¹. Este bairro, dividido em 16 comunidades, é visto pelas camadas mais populares como o único local possível para sobrevivência de suas famílias, uma vez que os valores de moradia são menores devido às condições de precariedade dos serviços dessa região. Para além dos serviços acometidos pelo Estado, há a presença de conflitos armados, seja entre civis ou gerados através de operações policiais. A partir desses confrontos, a situação de violência torna-se alarmante, atingindo, entre tantos outros pontos, o processo educacional. Somente no ano de 2018, devido aos confrontos armados, os estudantes da Maré perderam 10 dias² letivos de aula, fator que se agrava se acrescentado os dias do ano anterior, sendo 35 dias sem aula para esses jovens.

Em meio a esse cenário, encontram-se os alunos pertencentes desta pesquisa. São jovens com faixa etária entre 13 e 16 anos, estudantes entre o 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Estes carregam consigo a expectativa de seus pais sobre o futuro: que tenham nível de escolaridade completo, conquistem bons cargos e que possam receber uma boa remuneração. Alguns alunos relatam que seus pais, num ato de reforço ao estudo, insistem em que eles devem conquistar aquilo que não conseguiram, ou seja, projetam em seus filhos o desejo que têm para si.³ É importante frisar que, no Complexo da Maré, o percentual de moradores que possuem graduação chega a 0.96%⁴, aproximadamente 1%, correspondendo a 1.290 pessoas. Um outro dado preocupante é o número de habitantes que completou o ensino fundamental. Dos 139.073 moradores do Complexo, somente 25.866 completaram o ensino fundamental, representando 37,6%. Com isso, é possível perceber uma

¹ Dados referentes ao Censo Populacional da Maré, 2019.

² Dados referentes ao Boletim de Segurança Pública, fornecido pela Organização Redes de Desenvolvimento da Maré, no ano de 2018

³ É importante frisar que estas informações partem de relatos dos alunos do Preparatório, durante as aulas e conversas com a educadora.

⁴ Dados educacionais referentes a graduação e ensino fundamental retirados do Censo Populacional da Maré, 2019.

expectativa ainda maior sobre esses alunos, uma vez que há a necessidade de preencher a lacuna causada por fatores externos - porém associados - à educação.

Ademais, embora os alunos sintam-se, de certa maneira, pressionados por seus responsáveis, há a expectativa social, cultural e psicológica relativa ao processo de ensino-aprendizado trazido pelos mesmos. Como jovens moradores de uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, seus desejos são influenciados pela pressão social e preconceito, promovido pelo estigma social do favelado. Em meio a essa visão deturpada da favela e favelado, a perspectiva do estudante referente ao que acredita ser educação é modificada. Como citado anteriormente, a educação é atravessada por aspectos políticos, sociais, pedagógicos e psicológicos, sendo assim, muitos adolescentes podem acreditar que, para sair deste estereótipo a que são submetidos, a educação é o instrumento fundamental e possui somente este valor: de fuga. Potencializando esta visão equivocada sobre educar, os espaços educacionais não demonstram interesse ou abertura para enxergar o que acontece com os alunos, qual a interpretação que fazem de si e de todo o percurso escolar.

A educação não é somente a reprodução de conteúdo, transmitir determinado conhecimento, ela é troca, aprender e ensinar em situação constante. Dessa forma, cabe ao corpo docente e equipe pedagógica considerar todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizado. A partir desta demanda, a ótica do discente entrará em pauta e será analisada, tanto de acordo educacional, quanto social e psicológico.

JUSTIFICATIVA

A partir da experiência como educadora de língua portuguesa na organização não governamental Redes de Desenvolvimento da Maré, atuando no projeto Preparatório para o Ensino Médio, que recebe alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, com o intuito de prepará-los para os concursos de escolas técnicas e federais do Rio de Janeiro, foi possível observar algumas falas e comportamentos dos alunos sobre educação e sociedade.

Desse modo, a partir das conversas desses alunos e da reflexão sobre o território em que estão inseridos, houve a necessidade de apresentar o que até então permanece com pouco

espaço para o diálogo: a opinião dos alunos sobre educação, escola, prática docente, etc. Comentários relacionados a uma baixa autoestima, expectativa e, ao mesmo tempo, desânimo com a escola, distanciamento da unidade escolar e falta de informação para além do ensino médio, como ingresso na universidade, por exemplo, ocorrem com frequência no cotidiano desses estudantes. Sendo assim, é fundamental resgatar a autoestima dos alunos, principalmente daqueles que estão em situação de vulnerabilidade. Além disso, cabe aos educadores e estudiosos sociais e educacionais apresentar, mesmo que de maneira gradual, a importância da participação dos jovens e comunidade na educação.

Dessa maneira, o objetivo principal deste trabalho é apresentar e discutir a visão dos alunos referente à educação e como elas impactam em suas vidas. Para além do objetivo principal, este trabalho também analisa os objetivos secundários, que são apresentar como os alunos se sentem a partir do tratamento em sala de aula, a importância que dão à escola e qual sua finalidade, e (re)construções da educação a partir da visão dos estudantes com o cenário atual de ensino.

METODOLOGIA

Para reforçar o que foi observado em sala de aula, foi utilizada como coleta de dados uma entrevista coletiva com os alunos. Além da entrevista, outras informações sociais do aluno e seus familiares foram levadas em consideração. Essas informações estão contidas em um questionário online na qual os alunos - ou responsáveis - preenchem no momento de inscrição do projeto. Neste questionário social, algumas informações serão utilizadas para uma melhor análise do perfil dos entrevistados. Os dados pesquisados serão:

1. *Renda mensal da família do estudante*
2. *Se ele realiza outra atividade que não seja as aulas na escola*
3. *Com quantas pessoas moram e, destes moradores, quais são os maiores de 18 anos que são remunerados*
4. *Qual é a escola em que está matriculado*
5. *Qual comunidade em que mora*

Para a entrevista com a professora, devido à pandemia do novo Coronavírus (Covid 19), a ferramenta utilizada para a interação com jovens foi o aplicativo Meet. Por meio de uma reunião, os alunos, responderam às seguintes perguntas:

- 1. Por que estudar é importante para você? De 0 a 10, quanto é importante estudar?*
- 2. O que é ser "alguém" na vida? Você já ouviu isso de alguém?*
- 3. O que você espera fazer quando terminar o ensino médio? O que pretende fazer?*
- 4. O que a sua família fala sobre os seus estudos? Qual o grau de escolaridade dos seus responsáveis?*
- 5. O que você acha da escola? Por quê?*
- 6. O que você mudaria na sua escola?*
- 7. Para você, onde é o lugar que mais se aprende? É só lá?*
- 8. Se você pudesse escolher, continuaria indo à escola?*

Também foi utilizada como ferramenta de análise uma conversa com a educadora, em que os alunos se apresentaram, ou seja, falaram de si: de seus desejos, do que gostam, como se veem, etc. Tal interação ocorreu uma aula antes à entrevista e foi pensada com o intuito de auxiliar no corpus deste trabalho. Para fins de estudo e elaboração desta pesquisa, toda a participação dos alunos foi gravada, sendo necessária - e utilizada - a autorização dos responsáveis, visto que os alunos são menores de idade. Para isso, devido ao período de pandemia e isolamento social, os alunos enviaram as autorizações por e-mail ou através de mensagens das redes sociais. A partir das respostas dos discentes, analisando o território e o perfil social e, sobretudo, contrapondo com autores importantes no cenário educacional e social, o seguinte trabalho tem o intuito de analisar a visão dos alunos de camadas populares a respeito do ensino.

Um outro fator importante para análise desta pesquisa é a experiência como professora do projeto. Em fevereiro de 2015 iniciou-se o trabalho como educadora de língua portuguesa do projeto Preparatório para o Ensino Médio. Com o cargo, houve o contato com duas turmas, a princípio uma no período da manhã e outra à tarde. As aulas de português ocorriam 2 vezes por semana para cada turma, tendo cada tempo duração de 1 hora e 30 minutos. Atualmente, a duração da aula é a mesma, entretanto, as aulas acontecem somente

no turno da tarde, com início às 14h30min, visto que, com o turno integral realizado pela Prefeitura do Rio – é importante destacar que a maioria dos alunos são matriculados na rede pública - os discentes assistem às aulas até o fim do dia (aproximadamente às 14 horas).

Estando em sala de aula, com o primeiro contato houve uma surpresa, uma vez que, durante o processo de graduação, muito é estudado sobre metodologias e práticas docentes, em outras palavras, como tornar-se um educador libertário e atuante para o pensamento crítico do aluno. Entretanto, no mesmo instante em que é pensado em estratégias docentes, foi percebido pouco espaço para que os discentes apresentassem seus pontos de vista. Dessa maneira, estando cotidianamente com os alunos, foi visto entre os jovens o desejo de apresentar suas ideias, de reclamar, de ocupar o ambiente escolar como atuante, não ser estático. A cada aula, e a cada aproximação com as turmas, mais comentários e ideias eram postas, mesmo que os alunos não soubessem organizar suas concepções. O que foi possível perceber é que, na intenção de demonstrar suas ideias, os alunos confundiam-se e acabavam por cometer o que é entendido como mal comportamento. Sentimentos como raiva, desânimo e baixa autoestima vieram acompanhados de inúmeros comentários sobre a escola, negação ao realizar os exercícios solicitados pelo professor, dificuldade em ter diálogo com a direção, constantes comparações entre a escola e o projeto, etc. Na verdade, a partir da experiência como educadora, foi possível analisar que essas demonstrações marcam uma dificuldade em se apresentar ao outro, em especial em mostrar seu ponto de vista sobre os assuntos relacionados à educação. Tais comportamentos evidenciam a falta de diálogo com as instituições escolares e a falta de espaço para exigir o pensamento dos discentes.

A partir da boa relação com os alunos, o contato se estendeu para as redes sociais, como o aplicativo Facebook, por exemplo. Através dessa ferramenta, com base nas postagens dos jovens sobre a escola e interação em ambiente escolar, além de comentários escritos pelos mesmos sobre assuntos relacionados à formação do indivíduo, foi possível observar como os alunos analisam a educação para além da sala de aula, informações estas que beneficiam muito o olhar como docente. Sendo assim, desde o ano de 2015 como educadora, acompanhando as turmas, foi possível perceber pontos importantes a serem discutidos e que reforçam a hipótese de que os alunos possuem uma visão negativa da escola.

Em cada nova turma, com novos alunos, as reclamações, elogios, sugestões e

comportamentos eram muito semelhantes, o que permitiu refletir como a escola se apresenta aos estudantes, principalmente aos pobres, moradores de comunidades. Por mais que cada indivíduo carregue as suas características, a similaridade do olhar sobre educação e a ausência de posicionamento frente às instituições possibilitaram a criação desta pesquisa, com o intuito de dar voz aos estudantes. Para além disso, o que chamou a atenção é que os pais também apresentaram seus comentários sobre escola, estudo e o que esperam de seus filhos durante as atividades realizadas pelo projeto, como reunião de pais, por exemplo. Sendo assim, a partir da posição de expectadora desses jovens e suas famílias, houve a necessidade de apresentar sua perspectiva, a cada comentário trazido para sala de aula, intensificou-se o desejo de mostrar o que passam estes jovens e dar voz, mesmo que de um recorte, aos alunos estudantes do Complexo da Maré.

UM OLHAR PARA SI: CONHECENDO O ALUNO

Para iniciar este trabalho, é importante apresentar o perfil dos entrevistados⁵ e o projeto ao qual estudam. Esta pesquisa contou com a participação de 12 alunos, que voluntariamente responderam perguntas durante um encontro síncrono, pelo aplicativo Meet. Todos os entrevistados possuem faixa etária entre 13 e 16 anos, e residem no Complexo da Maré, nas comunidades Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Marcílio Dias e Piscinão de Ramos. Realizando a média de familiares que moram com o estudante, obtém-se o resultado de aproximadamente 4 pessoas. Desses moradores, em média 2 pessoas são menores de idade e, dos adultos que vivem com estes entrevistados, a média de trabalhadores com remuneração é de 1 pessoa por família. Pelo questionário, não é sabido se a remuneração é formal ou informal. Realizando a média de renda das famílias destes estudantes, a média

⁵ Perfil elaborado a partir das informações sociais, fornecidas no momento de inscrição do aluno no projeto.

mensal é no valor de R\$1455,00^{6,7}

Do total de alunos, 10 frequentam o 9º ano no ensino fundamental, o que corresponde a 83%, enquanto 2 alunos, correspondente a 18% do público desta pesquisa, estão inscritos no 1º ano do ensino médio. Fazendo uma relação entre alunos inscritos em escolas públicas e privadas, dos estudantes citados neste trabalho, 3 estudam em escolas particulares, sendo 2 localizadas no território da Maré e 1 próxima à localidade. Os demais alunos estão inscritos em escolas públicas, também no território ou próximo a ele.

Destes 9 alunos estudantes da rede pública, 1 está matriculado no 1º ano do ensino médio, enquanto os outros cursam o 9º ano do ensino fundamental. Referente ao recebimento de auxílio social, somente 2 alunos informaram que são beneficiados, um recebendo o Bolsa Família e outro o BPC (Benefício de Prestação Continuada). Vale ressaltar que o questionário socioeconômico desta pesquisa foi respondido por alguns alunos e, com isso, informações como recebimento de programas sociais, renda familiar ou trabalho formal podem estar equivocadas, visto que alguns alunos não possuem conhecimento de algumas informações. Dessa maneira, é possível que certas informações não tenham sido passadas, pois alguns dados cabem somente aos pais.

Todos fazem parte do projeto Preparatório para o Ensino Médio, buscando vagas em escolas técnicas e federais de excelência do Rio de Janeiro. O projeto pertencente à Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, projeto social, sem fins lucrativos, que atua em quatro principais eixos: arte, cultura, memórias e identidades; desenvolvimento territorial; direito à segurança pública e acesso à justiça e, por fim, o eixo de educação. A organização, formalizada em 2007, tem como objetivo efetivar os direitos dos moradores do Complexo da Maré, realizando assim projetos e ações que possibilitem a discussão de políticas públicas no território. Sua trajetória inicia-se por meio da educação, a partir da criação do pré-vestibular, o que possibilitou o acesso de jovens e adultos à universidade pública. Através do processo de formação da organização, é possível dizer que a instituição

⁶ É importante destacar que 3 alunos não informaram ou não souberam informar o valor de renda mensal de suas famílias. Dessa maneira, ao realizar o cálculo da renda média mensal, eles foram excluídos do cálculo, ou seja, não fizeram parte do somatório.

⁷ Valor estipulado por meio da soma de todas as rendas informadas pelos alunos no questionário e dividido pelo número de informantes.

apoia e tem um olhar atento ao cenário educacional, sobretudo no território da Maré. Sobre o Preparatório, o objetivo deste projeto é o acesso dos jovens de classes populares à educação, tanto no nível formal, quanto em sua formação crítica e cultural, na construção e reconhecimento de sua identidade individual e coletiva, partindo do atendimento dos jovens e suas famílias. Sendo assim, o projeto tem como finalidade apoiar os jovens na sua construção como indivíduo, dando espaço para reflexões acerca do território, educação política e ambiental. O processo seletivo do Preparatório ocorre através de uma inscrição online com preenchimento de informações como escolaridade e dados familiares. Após o período de inscrição, os candidatos são convidados para passar por uma entrevista com a equipe social, respondendo perguntas sociais e também específicas, como por exemplo, por qual motivo deseja participar do curso, se conhece alguma escola técnica ou federal, se há o interesse em algum curso, etc. A partir das inscrições online e entrevista, os alunos convocados são comunicados a fazer a matrícula no projeto. O Preparatório para o Ensino Médio é composto aulas regulares de Português, Matemática, História, Geografia, Química, Física, Biologia, Educação Ambiental e Formação em Cidadania; aulas campo, visitas institucionais, participação em eventos; atendimento psicossocial, isto é, os jovens e suas famílias são atendidos por uma psicóloga e assistente social, além de grupos mensais com os responsáveis. Devido à pandemia, as aulas passaram a ocorrer através do aplicativo Meet. Por meio dessa plataforma, duas aulas de diferentes matérias ocorrem por dia, com duração de 1 hora e meia cada. As disciplinas de língua portuguesa e matemática possuem maior duração, sendo dois encontros semanais. O projeto recebe alunos das comunidades da Maré, tendo dois polos: um localizado na Nova Holanda e outro na Vila dos Pinheiros.

Vale destacar que uma informação importante não foi questionada e discutida neste trabalho: a identificação racial dos alunos. O Preparatório é um projeto que atua discutindo temáticas importantes socialmente, como questões raciais e de gênero, por exemplo. Dessa maneira, com o intuito de promover aos alunos reflexão, conhecimento e, até mesmo, pertencimento sobre esses assuntos, durante o ano letivo, os jovens, em contato com essas indagações, acabam ampliando suas percepções e reforçando suas trajetórias enquanto sujeito. Sendo assim, é possível perceber - e esta afirmação parte da experiência com o projeto - que alguns alunos que até então, identificam-se enquanto brancos ou pardos, chegam

ao final do ano declarando-se negros.

Dessa maneira, partindo do princípio de que os entrevistados estavam em momento de conhecimento de si enquanto identidade, esta pesquisa não abordou raça e como ela atravessa a educação - embora seja uma temática fundamental e pertinente - partindo essencialmente da expectativa dos alunos às perguntas apresentadas.

Uma outra informação importante para análise deste perfil é que, muitas vezes, esses alunos são identificados como destoantes dos demais estudantes do Complexo da Maré, uma vez que, em virtude das atividades que exercem e a relação com suas famílias, são vistos como “privilegiados” em comparação com os demais jovens que não apresentam essas mesmas características. Os alunos possuem apoio e estímulo de suas famílias sobre o estudo e realizam outras atividades fora do horário de curso e escola, como esporte, curso de informática ou idiomas, por exemplo. Todas essas características são dados que reforçam a importância que os responsáveis dedicam à formação de seus filhos.

Dessa maneira, o público alvo deste trabalho é um recorte dos estudantes do projeto dentro do Complexo da Maré: jovens entusiastas que carregam consigo o peso do estereótipo e o enfrentamento do Estado. Todos os entrevistados possuem sonhos ligados à educação, dão importância ao ato de estudar, acreditam que, através dos estudos, é possível alcançar uma nova conjuntura, sobretudo econômica, e carregam consigo sonhos e barreiras referentes à escola. Neste trabalho, será exposto somente os comentários destes estudantes, autorizado por seus responsáveis. São jovens sonhadores, que transbordam em pensamentos e anseios sobre o presente, mas, em especial, ao futuro.

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO

O estudo é a base para a formação do indivíduo. Tal afirmação encontra-se presente na vida de todo estudante, de diferentes idades, gêneros, raça ou classe social. Aceitamos e reproduzimos o conceito de que a construção do ser humano é fundamentada por meio do processo educacional. Entretanto, por mais que acreditemos e afirmemos como essencial a educação, não discutimos o porquê de pensarmos desta forma, principalmente do ponto de

vista dos estudantes, que estão envolvidos diretamente à prática do estudar. Dessa maneira, entendendo a multiplicidade de cada indivíduo, precisamos analisar as visões acerca deste assunto, entendendo o motivo que move o aluno à sala de aula. Com isso, a primeira pergunta realizada nesta entrevista foi voltada a essa observação: por que estudar é importante para você?

Como resposta, cabe destacar algumas falas fundamentais para a discussão da ideia de educação, principalmente entre os alunos mais pobres. Um estudante chegou a afirmar que estudar é “*a única escapatória para ter um futuro*”. É, de fato, inquestionável o papel da educação na vida de qualquer indivíduo, entretanto, parece que os alunos utilizam este recurso como escapatória, principalmente da realidade em que se encontram. Esse conceito de fuga pode causar estranhamento, principalmente aos profissionais da educação, uma vez que educar é construir, reinventar, não fugir, se esconder, como o que parece ocorrer entre os entrevistados. Na verdade, o que é possível dizer é que, a partir da fala deste aluno, é apresentada uma situação social marcante, o que pode não aparecer entre alunos de classe média. Dessa forma, é possível indagar se o ato de estudar é visto da mesma maneira entre os alunos: pobres e ricos, durante seu processo de ensino-aprendizado. A resposta para esta indagação pode ser identificada como não, uma vez que, alunos classe média não se preocupam com suas condições, visto que são privilegiadas.

Sendo assim, a partir das respostas apresentadas pelos jovens, foi possível perceber que o motivo da importância da educação marca a desigualdade social que acomete os estudantes. De acordo com o relato dos alunos, estudar é visto como fundamental para que, em suas palavras, pudessem “ser alguém na vida”, usufruir de uma melhora de qualidade de vida. Ainda sobre o motivo de estudar, houve o relato de um aluno que, por ser pobre, não teria outra opção para ascensão social a não ser o estudo. A partir desta fala, é importante analisar a ideia de que a educação é, por assim dizer, mais importante àqueles em situações de vulnerabilidade social do que ao público de classe média ou com poder aquisitivo alto. Partindo deste princípio, é possível relacionar a ideia de estudo com o termo “ser alguém na vida”, discutido durante a entrevista.

Formação familiar: um olhar aos pais

Ainda sobre a importância de estudar, é possível observar uma fala marcante. Durante a conversa, um aluno afirmou que estudar é necessário para “*dar orgulho aos meus pais*”. Essa fala demonstra a influência dos responsáveis, principalmente em relação às expectativas escolares destes sobre seus filhos. Em relação ao grau de escolaridade destes responsáveis, alguns pais possuem somente o ensino fundamental - retrato de uma sociedade que impõe ao homem a obrigação de arcar com os custos da casa, principalmente daqueles em situação de vulnerabilidade - enquanto as mães possuem ensino médio completo ou, em somente dois casos dos entrevistados, ensino superior. Perguntados sobre a participação e comentários dos responsáveis sobre o estudo de seus filhos, a maioria respondeu que são definidos como preguiçosos ou que seus pais acham que estudam muito pouco, demonstrando insatisfação com o interesse que seus filhos dão à escola.

A partir destas falas, é possível analisar o perfil destes pais que, projetando em seus filhos o futuro que desejavam para si, impõem o aprendizado como primordial. Como resultado desta imposição, há estudantes que veem a educação como um instrumento de aceitação dos pais e almejam cargos e experiências muito parecidas com as vividas por seus responsáveis. Ainda de acordo com as respostas dos alunos, ao serem questionados se já ouviram a expressão “ser alguém na vida” e, o seu significado, uma aluna comentou: “*Eu já ouvi de várias pessoas, mas da minha mãe principalmente e, pra mim, ser alguém na vida é ser um médico, um advogado... essas profissões grandes*”. Todos os alunos afirmaram que seus pais já usaram essa expressão consigo, o que reforça a tese de que os pais são responsáveis por passar a ideia da educação como fundamental aos jovens. Entretanto, ao denominar profissões como médico e advogado como grandes, é possível questionar o que seriam as profissões pequenas e, em qual situação, a aluna identificou outras profissões como inferiores aos cargos destacados. Novamente é visto o pensamento de outros reproduzidos nos alunos, ao ponto de rotular cargos socialmente aceitos ou não.

Um fator para esta análise foi uma afirmação que se destaca das demais. Uma aluna, quando indagada sobre como seus pais se comportavam em relação ao seu estudo, respondeu: “*Minha mãe fala que sou inteligente e que tem orgulho*”. Esta aluna foi a única entre os

demais entrevistados que comentou que, ao terminar o ensino médio, não pretende fazer faculdade ou ensino técnico, mas sim estudar dança em uma companhia internacional. Além disso, em discussão com os colegas de turma sobre graduação, a jovem defendeu a ideia que curso superior não é garantia para sucesso profissional, embora os outros alunos intercedam pela faculdade. A afirmação da aluna e sua posição sobre sua escolha profissional pode ser visto como um possível indicador das relações familiares e consequências sobre a visão do jovem.

Por mais que este caso tenha acontecido de maneira isolada, é interessante relacionar a estrutura familiar desta aluna, diferente dos demais da turma, fazendo com que a jovem tenha interesse em profissões até então desvalorizadas pelos outros alunos, como a dança, por exemplo. Dessa maneira, cabe uma observação aos comportamentos apresentados aqui: o aluno que recebe de sua formação familiar mais apoio, isto é, maior incentivo psicológico, como elogios, possui maior poder de escolha. Este aluno analisa várias opções para o futuro e seleciona o cargo que de fato deseja, sendo ele até visto socialmente como o de menos prestígio. Já os filhos que recebem maior pressão de seus pais, ou seja, os denominados preguiçosos, se submetem a escolha de cargos já aceitos por seus familiares, isto é, procuram profissões que possam suprir as demandas de seus responsáveis, aquelas que lhe darão status.

A partir destas análises, é possível ainda uma nova reflexão: até que ponto a visão dos pais interfere na ideia de educação dos filhos? Partindo do pressuposto que a desigualdade social interfere no processo educacional, os estudantes oriundos de classe média possuem a mesma visão escolar de seus pais? É possível também, a partir da fala dos alunos, relacionar cada ideia sobre educação referente à demanda transmitida por seus pais, ao longo de sua trajetória escolar.

Sobre a relação pais e escola, é possível observar que, embora os responsáveis valorizem a educação e vejam o estudo como primordial para ascensão de seus filhos, ainda ocorre a distância entre as instituições escolares e os responsáveis. Muitos se sentem pouco à vontade ou apresentam algum incômodo em apresentar seu ponto de vista – o mesmo comportamento de seus filhos – em reuniões e encontros escolares. Comparando os pais aos filhos, é possível perceber da escola um comportamento dado aos pais similar ao que seus alunos recebem. Sobre o assunto, uma pesquisa realizada na favela da Rocinha, comunidade

do Rio de Janeiro, demonstra uma profunda relação de semelhança com o território da Maré. No artigo *Observação da reunião de pais: evidências da ausência de diálogo* (TRIGUEIRO e CAMASMIE, 2014), é possível relacionar com o comportamento de pais em reuniões do projeto Preparatório para o Ensino Médio. Ao longo do artigo, é apresentado o desconforto destes em apresentar suas opiniões, a falta de espaço, literalmente, para receber os responsáveis de forma adequada e, sobretudo, a padronização comportamental dos professores mediante aos pais, como se estes fossem a extensão de seus filhos. Como exemplo deste comportamento, o que foi visto na pesquisa foi a infantilização dos responsáveis, o que legitima a falta de comunicação entre escola e comunidade escolar:

A infantilização do responsável é uma manifestação importante da baixa capacidade da escola para lidar com seu público, revelando sua dificuldade para estabelecer um padrão mais igualitário e dialógico com a família de seu aluno. Trata-se na verdade de uma das expressões daquilo que Mônica Peregrino (2010) caracteriza como o processo de precarização institucional da escola, de um lado porque a assimetria existente na relação entre escola e família fragiliza as bases de legitimidade e de confiança necessárias ao contrato pedagógico; mas também porque ela reflete uma situação na qual a escola ainda se encontra refém do que a autora define como “a gestão da pobreza”, que tende a situar o pai/ mãe antes como pobre do que como responsável pedagógico. (TRIGUEIRO e CAMASMIE, 2014, p. 76)

A partir destes comportamentos, a resposta dos pais à escola e educação é equivalente à resposta dos filhos, o que potencializa o distanciamento da escola de seu público, reforçado em: “*O momento da reunião de pais, de encontro face a face entre a escola e a família, acaba cumprindo a função perversa de completar esse processo, aprofundando a distância entre as partes ao invés de aproximá-las*” (TRIGUEIRO e CAMASMIE, 2014, p. 77)

Sendo assim, a identificação desses alunos com seus pais é ainda maior, visto que seus responsáveis entendem a realidade dos filhos na escola e passam pela mesma situação ao estarem em contato com os professores. Com isso, este trabalho acredita que a expectativa dos pais sobre os filhos e como eles respondem e entendem o desejo pela educação é fortalecido através do comportamento da escola.

Entretanto, ao passo que sentem desconforto com a instituição escolar, continuam por incentivar o estudo e participação de seus filhos na escola, o que mostra a admiração e visão

da educação como crescimento pessoal e social. Bernard Lahire (2004), em *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, faz uma pesquisa com 27 alunos, estudantes do ensino fundamental. Seu principal objetivo é apresentar os casos improváveis, ou seja, situações de alunos que, mesmo com condições sociais que norteiam um mau rendimento escolar, possuem bom desempenho e demonstram também bom comportamento estudantil. Nessa perspectiva, o autor analisa os casos de sucesso escolar, investigando o micro, isto é, a conjuntura e fatores de vida daquele estudante, como sua família, seus hábitos e, até mesmo, seus professores. Fazendo uma ponte com os alunos do seguinte trabalho, é possível pensar em hábitos e/ou ideais que suas famílias possuem e, a partir deles, ter auxílio para enxergar a educação pelos olhos desses jovens.

Desse modo, a partir de comportamentos dos pais como incentivo à compra de livros, mesmo que, para isso, seja necessário muito esforço financeiro, pois apresenta admiração ao mundo literário; ou que apoie passeios escolares à museus, exposições, entre outros locais, pois deseja que seus filhos ocupem lugares vistos socialmente como cultos, mesmo que nunca tenham conhecido; ou estimulem à leitura e fala de seus filhos, pois, ao lerem mais, mais “bonito” falam, demonstra profunda apreciação à fala culta, o que acaba por promover mais desejo nos estudos perante o jovem. Dessa forma, mesmo que muitos pais não saibam ler e escrever, ou tenham grau de escolarização incompleto, é importante observar que, a partir de atitudes vistas como comuns ou simples, estimulam e reforçam o laço com a escola, mesmo que inconsciente. A partir desses comportamentos, seus filhos internalizam o desejo da educação como algo consagrado, tendo como resultado o bom rendimento escolar. Fazendo um paralelo aos pais desta pesquisa, muitos pontos são semelhantes aos responsáveis do estudo de Lahire. Alguns comentários dos pais demonstram a valorização da cultura de prestígio e o desejo que seus filhos sigam este caminho. Durante atividades do projeto, falas como “ele estava com o livro na mão, achei tão bonito” ou “meu filho não fala errado como eu, ele fala direitinho”⁸ comprovam a consideração que dão ao estudo. É notório que, a partir desses comportamentos, o aluno internaliza ainda mais a influência que a educação carrega,

⁸ É importante destacar que estas falas foram realizadas em encontros com a pesquisadora, ou seja, foram selecionadas a partir da experiência como educadora.

o que pode também pode ser visto com muita tristeza, pois o “ideal” é aquilo que o responsável não vê em si.

Maria Alice Nogueira (2005) realizou um estudo em que observa a classe média e sua atenção à educação. Para a autora, a classe média considera o estudo como fonte de ascensão social, ou seja, instrumento para aumento de prestígio. Tal ideia implica até mesmo em determinados esforços, como o pagamento de escolas caras para seus filhos, escolas estas que podem arcar, sendo necessárias algumas privações.

Podemos fazer uma comparação do estudo de Nogueira (2005) com pessoas de camadas mais populares. Por mais que a maioria dos alunos não tenham acesso a instituições privadas, uma vez que não possuem renda para pagar as mensalidades dos projetos, ainda enxergam na educação pública uma maneira de crescimento e progresso e acreditam que seus esforços para continuar os estudos serão recompensados, isto é, terão crescimento, sobretudo econômico. Entretanto, é importante analisar se a ambição da classe média é a mesma a dessas famílias mais pobres. Ainda sobre a pergunta “por que estudar é importante? ”, os jovens, em muitas respostas, apresentaram como argumento “ser alguém na vida”. Tal relato demonstra que esses alunos sequer se veem como seres pertencentes a uma sociedade, isto é, não se sentem incluídos como corpo social. Pelo contrário, eles veem na educação uma maneira de se sentir pertencente à sociedade, algo que já ocorre, a partir de seu nascimento.

Ainda para a autora, muitas famílias estão atuando de maneira mais significativa na escolha das escolas de seus filhos e, aqueles em situação econômica inferior, optam por escolas perto de suas casas, uma vez que custos como transporte, alimentação, etc., podem interferir nos gastos do mês. Para além do gasto provocado pela opção de escolas privadas, há um outro fator importante para a escolha dos pais em escolas da região: o sentimento de segurança e pertencimento. Cabe aqui ressaltar que muitos pais optam por escolas privadas dentro do território da Maré pois, dessa forma, seus filhos estão seguros em relação a transitar pela cidade. Embora tenham receio em relação à violência policial e de confrontos armados na região, os moradores da Maré não ocupam os demais espaços da cidade, tendo nos momentos livres como lazer ou passeios somente o território. A insegurança em sair da Maré é vista não só pelos alunos, mas pelos responsáveis, principalmente nas aulas campo realizadas pelo projeto. Dúvidas como qual transporte público aderir, se irá distante do

território e horário de chegada, são pontos que os pais apresentam quando seus filhos participam de alguma atividade fora da Maré. Muitos comentam com os educadores para “tomar cuidado e não deixar o filho se perder”, como se a saída do estudante do território causasse grande perigo ao jovem e a si próprio. Esse receio pode ser causado também pela permanência dos pais na região. Aqueles que trabalham em outros bairros do Rio, só se locomovem pela cidade a trabalho e os responsáveis que não possuem renda – na maioria dos casos, as mães – somente percorrem o Complexo da Maré, sem ocupar outros espaços públicos. Sobre o assunto, no artigo *Região escolar e o mundo do aluno: os casos da Rocinha e da Maré* (VENTURA; RAMOS; BURGOS, 2014), nota-se:

De maneira diversa, os alunos moradores da Maré convivem com uma realidade marcada pela socialização exclusiva no seu próprio lugar, com baixa circulação por áreas da cidade com um perfil diferente do seu, no máximo chegando ao pequeno centro comercial de Bonsucesso, próximo às favelas da Maré. (VENTURA; RAMOS; BURGOS, 2014, p. 145)

Nos pais, a insegurança e estranhamento com a saída do território, já nos filhos, é possível perceber, para além das sensações trazidas por seus responsáveis, o sentimento de vergonha em estar fora da região, sobretudo nos bairros do Centro e Zona Sul. Comentários como “para de ser favelado” ou “olha, professora, estão olhando pra gente porque a gente é da favela” evidenciam o distanciamento da favela à cidade e a sensação de não pertencimento à cidade, também denominado exclusão. Partindo do princípio que os filhos despejam na educação a mesma ideia que seus pais transmitiram a eles – já visto aqui – é possível indagar se o sentimento de vergonha e timidez é também causado por esses pais, que também não se sentem confortáveis para transitar pela cidade e, embora queiram que seus filhos tenham trajetórias diferentes das suas, por segurança e acolhimento, não desejam que esses jovens passem pelo constrangimento de estarem um local ao qual não pertencem. Dessa maneira, parece que a escolha por unidades de ensino no território é uma estratégia de cuidado aos filhos, não com os perigos da cidade, mas com o medo do estereótipo e depreciação social. Em contrapartida, há o desejo de uma educação entendida como de melhor qualidade comparada à educação pública e, com isso, esses pais matriculam seus filhos nas escolas particulares da Maré.

Nessa perspectiva, é importante frisar que, embora seja um ato de cuidado e atenção, a desigualdade social é marcada nessas escolhas. Enquanto não estar nos espaços da cidade seja visto como proteção, é, na verdade, um fator que potencializa a dessemelhança social. Nessa lógica, partindo da experiência como educadora do Complexo da Maré, é possível afirmar que a participação dos pais na educação dos filhos vem ganhando força, entretanto, devido a uma série de questões sociais, culturais e psicológicas, por mais que atuem de maneira mais efetiva, suas escolhas ainda marcam disparidade entre os estudantes do Rio de Janeiro. Sendo assim, ao analisarem como satisfatório as escolas ao realizar estas escolhas, é possível interpretar que, a seleção da escola é pensada com cuidado, embora reproduza desigualdade.

Em suma, quer se trate de países onde impera um “quase-mercado aberto” ou de países, como o Brasil, onde prevalece um “quase-mercado oculto”; quer se trate das elites ou de grupos menos privilegiados, o fato é que a escolha do estabelecimento de ensino surge como uma dimensão importante do processo de construção das desigualdades de escolarização nas sociedades contemporâneas. Cada grupo social realiza suas escolhas dentro do universo de possibilidades que lhe é próprio, utilizando-se de critérios e servindo-se de recursos culturais e econômicos distintos. Cada um deles tende, portanto, a fazer escolhas que refletem e reproduzem essas mesmas desigualdades. (RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011, p. 958)

Visão de apoio x Olhar opressor

Vimos até aqui o comportamento dos pais em relação à vida escolar de seus filhos. Observamos que pode ser encorajador, principalmente em relação à valorização da educação. Pode, também, interferir na decisão de escolha dos filhos, definição de “bem “ e “mal” sucedido, etc. Entretanto, vale destacar que, apesar de estimulante, a conduta destes pais pode ser uma via de mão dupla. Devido a constante pressão, muitos alunos apresentam estresse. Gazzaniga e Heartherton (2005) afirmam que esse sentimento pode provocar mudanças tanto no corpo, como sistema endócrino e imune, por exemplo, quanto no emocional e cognitivo. Dessa forma, é ainda mais necessário analisar e discutir o estresse presente nos alunos, visto

que ele pode interferir negativamente na interação com a escola e sua visão sobre si, tendo como consequência o agravamento - ou impedimento - de seu desenvolvimento. Sobre o assunto, no artigo *Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência* (KRISTENSEN; SCHAEFER; BUSNELLO, 2010, p. 21, 22), os autores definem: “*Sintomas de stress não aparecem somente em indivíduos adultos. Na infância, diversas situações estressantes podem ocorrer, incluindo aquelas associadas à dinâmica familiar*”

Dessa maneira, comportamentos como choro, baixa autoestima, insegurança ao realizar um exercício ou até mesmo fazer uma pergunta em voz alta são vistos em sala de aula⁹. É possível perceber também uma maior timidez entre aqueles que são mais pressionados pelos pais, principalmente quando na presença dos mesmos.

No Preparatório para o Ensino Médio, curso frequentado pelos discentes, há a realização de simulados, estes compostos por questões de múltipla escolha, de todas as disciplinas, e uma redação, com o valor de 10 pontos. Depois de corrigido, os alunos recebem suas notas e, em reunião de responsáveis, os pais são informados sobre o rendimento de seus filhos no exame. Através deste simulado, é possível perceber que, para a entrega das notas aos pais, muitos alunos demonstram nervosismo e sequer conseguem estar presentes, não acompanhando seus pais na entrega das “notas”.

Com base neste comportamento, o que parece uma simples tensão para os estudantes, pode, na verdade, indicar uma angústia aguda em demonstrar contrariedade à ideia que seus pais depositam sobre eles. É, em outras palavras, demonstrar “fraude”, uma vez que não são o que seus pais acreditam ser. Dessa maneira, no que cabe à escola, é importante que ocorra diálogo com os responsáveis, para que estes também entendam que seus filhos são seres individuais e múltiplos, muito mais que uma mera reprodução de conteúdo. Sendo assim, antes de qualquer apresentação de resultados, que haja o debate e os pais sejam informados que não há como rotular seus filhos por um número, sendo este 0 ou 10, não é uma representação numérica que define o jovem.

O Preparatório enquanto projeto educacional possui o compromisso de manter o diálogo com os pais e alunos, esclarecendo conceitos que podem desencadear malefícios ao

⁹ É importante frisar que tais comportamentos partem das experiências com as turmas em sala de sala e/ou atividades virtuais.

processo de ensino aprendizado e formação pessoal. Para além disso, é fornecer uma relação de bem-estar não somente para com o aluno, mas também seu responsável. Dessa maneira, reuniões de pais ocorrem mensalmente e uma das pautas destes encontros é o rendimento escolar. Em outras palavras, o objetivo destes encontros é mostrar aos pais a potência de seus filhos, sem a pressão de ter que apresentar resultados impostos por uma educação tradicional e conteudista, que não se preocupa com a metodologia utilizada para alcançar o público, muito menos com os pontos essenciais da educação. Sendo assim, ao dialogar com os pais sobre questões que podem interferir na vida escolar do aluno, uma melhora do comportamento do estudante como também a recepção do responsável à nota do filho, mesmo que seja “baixa”, pode ser observada, como também confiança em realizar o simulado.

Um outro fator reconhecido como melhoria, foi o elo dos pais ao projeto. Como já discutido aqui, os responsáveis apresentam timidez para apresentar seus pontos de vista, principalmente dizer claramente como se sentem. O olhar a estes é fundamental para o diálogo, como afirma Richard Sennett (2012, p. 26) “*as pessoas que não observam não podem conversar*”. Dessa maneira, cabe pensar que, à medida que a escola ouve, até mesmo o silêncio do responsável – silêncio este indicador de muitos fatores - pode fomentar o diálogo e o fortalecimento de vínculo com a comunidade.

Cabe à escola conversar e trabalhar contra este conceito convencional de que o aluno é resultado de uma prova, realizada em poucos minutos, sem mencionar os fatores externos, como ansiedade, por exemplo, que podem interferir negativamente no exame. Para tirar as algemas de olhares opressores, é importante desassociar rótulo ao aluno, seja ele o “melhor da turma”, ou o “mais preguiçoso”. É importante também desconstruir o que talvez seja mais prejudicial aos alunos, mesmo que não intencionalmente, carregar a função de ter que realizar aquilo que seus pais esperam, vindo a partir do comentário: “eles terão e conquistarão aquilo que eu não consegui conquistar”.

Ratificando essa atitude com os responsáveis, ao exercer o diálogo e promover um olhar individual ao aluno, no momento em que a unidade escolar apresenta aos pais esse novo olhar, ela auxilia na redução do estresse e insegurança dos discentes, papel este fundamental à escola, como afirma Julio de Mello Filho (1992):

É necessário pensar em estratégias para minimizar a exposição tanto do aluno quanto do corpo docente a fatores estressantes. Muitas vezes aprender a identificar quais são os fatores que estão desencadeando o processo de estresse já muda muitíssimo a situação. A partir do momento que temos consciência sobre o que se constitui em estímulos estressores para cada um de nós, temos a possibilidade de enfrentá-los de uma maneira muito mais efetiva. (MELLO FILHO, 1992, p.119)

Dessa maneira, a fim de auxiliar o aluno a situações de estresse, é importante afirmar, sobretudo aos pais, que a educação vai além de mera reprodução de conteúdo, e pontos sociais, culturais, e políticos interferem não só a sala de aula como também a visão do aluno e sua família sobre si. Para o indivíduo sentir-se seguro em tomadas de decisões e vivência em coletividade, é necessário pensar como instrumento essencial a educação, sobretudo a que dialoga com o aluno, responsáveis e comunidade escolar. Dessa maneira, é importante derrubar a ideia dos filhos - e também dos pais - de que o indivíduo precisa da escola para ser alguém, pertencer. É desmascarar o mito do não saber e/ou ser menos.

A educação como interferência ao olhar do aluno

Para desenvolver o tópico deste trabalho, é importante conhecer uma importante definição, elaborada pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1989), utilizada nas discussões entre sociedade e educação: o capital cultural.

Ele formulou o conceito de capital cultural para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças oriundas de diferentes classes sociais, procurando relacionar o “sucesso escolar” (isto é, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar) com a distribuição desse capital específico entre as classes ou frações de classe. (NOGUEIRA e CATANI, 1998, p. 9)

Dessa maneira, o termo é caracterizado como o valor cultural transmitido de pais para filhos, ou seja, seus hábitos, costumes, e gostos, que podem ou não ser totalmente incorporados pelo indivíduo, tanto de maneira direta quanto indireta, como situações do

cotidiano, por exemplo. Para entender melhor a definição de Bourdieu, pensemos no seguinte exemplo: um aluno, de classe média alta, a partir da convivência com seus responsáveis acaba conhecendo locais definidos socialmente como qualificados, como museus, pontos históricos, aprendendo novas línguas, enquanto um outro aluno, pobre, não conhece os mesmos pontos, mas carrega consigo informações e conhecimentos sobre sua visão de mundo, a partir de sua experiência e vivência de seus responsáveis. Por mais que possuam diferentes conhecimentos, ambos apresentam competências para o processo de ensino-aprendizado, entretanto, a escola, como modelo conservador, acaba estimulando e beneficiando o aluno que possui capital cultural “apropriado”, isto é, o aprovado socialmente. Já o aluno de baixa renda, por não possuir o capital “qualificado”, acaba recebendo uma resposta negativa em relação ao seu conhecimento de mundo e poder de acréscimo ao ambiente escolar.

Dessa forma, a escola, por mais que se apresente como democrática, pode acabar propagando desigualdade, uma vez que valoriza determinados capitais culturais e desprestigia outros, fazendo assim que alunos em situação de vulnerabilidade tenham menos, se não nenhuma, oportunidade de apresentar seu conhecimento ou sentir-se pertencente à unidade escolar. Ainda sobre esse conceito, Bourdieu (2003) define:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2003, p.41)

Nessa perspectiva, o capital cultural acaba se transformando em um instrumento de dominação, em que alunos filhos de pais ricos e diplomados e que tiveram contato com a cultura de prestígio, tem uma formação mais aceita em comparação àquele aluno que não possui esse conhecimento.

Atrelado ao fato da escola promover desigualdade social caracterizando um capital cultural mais importante ou enriquecedor que outro, sendo sempre o privilegiado o aluno com poder aquisitivo, há a definição de educação bancária, definida por Paulo Freire (2003).

Tal conceito é de que o aluno é um ser vazio, que, ao chegar na escola, recebe todo o conteúdo “despejado” pelo professor. Para o autor, esta visão bancária promove ainda mais discrepância entre professor e aluno, impedindo o diálogo e troca em sala de aula. Com isso, a escola promove a opressão estudantil, como define Freire (2013, p. 81): *“Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão”*

Em ambos os conceitos, a educação é distorcida da realidade, sempre apresentando um lado inferior a outro, como uma disputa entre forte e fraco, sabido e sem conhecimento - trabalhando com a ideia de alunos de baixa renda. Em todas essas disputas, o lado mais fraco, isto é, o do aluno, sai perdendo. Sendo assim, como o aluno pode sentir-se motivado às aulas, uma vez que ou seu capital cultural é desprestigiado ou é visto como um ser vazio? O que é possível perceber é que, embora gostem da escola, principalmente pelas interações que o ambiente proporciona, os alunos, mesmo não sentindo atração aos estudos, assistem às aulas para que consigam suprir o “buraco” que a sociedade os aponta.

Dessa maneira, relacionando os autores à sala de aula, podemos observar duas violências sofridas pelos alunos em situação de vulnerabilidade: a primeira, é que seu conhecimento de mundo, ou seja, seu capital cultural, é desqualificado socialmente, inferiorizado em detrimento de outros, dos alunos de classe média alta. O segundo é que, ao chegar na escola, todo seu conhecimento e consciência sequer são cogitados, uma vez que o modelo educacional o vê como um ser vazio. Como busca de obstrução destas lacunas, os alunos julgam essencial a educação, entretanto, por um motivo equivocado: pensam que é a partir dela que conseguem ocupar os espaços, ignorando o fato destes espaços já serem seus, por direito.

UM OLHAR PARA A ESCOLA

Neste momento do trabalho, daremos um olhar especial à escola. Muitos alunos relataram insatisfação em estudar. Esse comportamento pode, na verdade, indicar um modelo ultrapassado de educação, isto é, a ideia de que o estudo é algo monótono e cansativo, nada

atrativo aos alunos – em especial aos adolescentes. Dessa maneira, na pesquisa, foi visto um distanciamento significativo da escola, embora todos concordem que a instituição é fundamental para sua formação, sendo ela considerada boa para os discentes, em especial os professores. Sendo assim, comparando a opinião dos alunos sobre a escola e o distanciamento com o estudo, fica um questionamento: o que tem feito a escola, como unidade responsável pela formação do indivíduo, para aproximação e resgate desses estudantes? É importante frisar que esse estudo foi feito a partir de um recorte com alunos moradores do Complexo da Maré, um local que já apresenta uma desigualdade em comparação a outros bairros do Rio de Janeiro e, como consequência, a falta de recursos básicos para a permanência do estudo corrobora para a barreira em relação à escola. Com isso, cabe, com mais urgência, a realização de metodologias para que a escola perca o rótulo de chata e desmotivadora.

Para melhor analisar a fala dos alunos, cabe neste trabalho refletir acerca da escola, em especial a pública, e sua trajetória e visão ao longo dos anos. Juarez Dayrell (2007) comenta que, a partir da década de 1990, a inserção de alunos cada vez mais heterogênea possibilitou à escola conhecer uma realidade pobre e violenta, fruto de uma situação social desigual e excludente, que tem como consequência a ausência de diálogo. Com a entrada desses estudantes, houve uma debandada para escolas privadas, criando uma imagem da unidade pública escolar como fraca ou de alunos ruins, o que é vista até os dias de hoje. Dessa maneira, é possível perceber o surgimento pejorativo da educação pública, simplesmente pela presença de alunos pobres, além de jovens. Para tentar desmascarar essa ideia preconceituosa da escola pública – e cabe dizer, dos alunos de camadas populares – nenhum projeto eficaz foi realizado, passando a ideia de que o rótulo social é tão enraizado que nem a escola, formadora de indivíduos pensantes, consegue - ou não quer - derrubar este estigma. Dessa maneira, como define Dayrell (2007, p. 1117): *“Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade”*

Nessa perspectiva, as falas dos alunos são ainda mais coerentes. A maioria dos entrevistados são de escolas públicas e, como maior questionamento, criticam o distanciamento e falta de diálogo da unidade escolar sobre questões que refletem a realidade da comunidade. Na verdade, é possível dizer que esta barreira ocorre não só com os

estudantes atuais, mas desde a massificação das escolas, ou seja, são gerações de alunos vítimas do embarreiramento escolar.

Ainda sobre os alunos e sua relação com a escola, Luiz Eduardo Soares em *Juventude e violência no Brasil contemporâneo (2004)*, comenta sobre as realidades vividas pelo estudante e como elas podem resultar na sua *invisibilização* na sociedade. Para isso, esclarece que, a partir das situações vivenciadas pelo aluno, chamado pelo autor de laços, é possível desencadear outros eventos, resultando em danos aos alunos e suas famílias. Sendo assim, questões como pobreza, menor escolaridade – neste caso, a escolaridade dos pais – depressão da autoestima (presenciado na escola e fora dela), podem gerar outras ocorrências, como Soares afirma:

(m) dificuldades na família, na escola e pressão para o ingresso precoce no mercado de trabalho (mesmo que seja por uma participação intermitente e informal) tendem a precipitar o abandono da escola, sobretudo no contexto de desconforto e inadaptação, e de falta de motivação; (n) a saída da escola reduz as chances de acesso a empregos e amplia a probabilidade de que o círculo da pobreza se reproduza por mais uma geração; (o) configurando-se este quadro, aumentam as probabilidades de que o adolescente experimente a degradação da auto-estima, especialmente se considerarmos o contexto social e cultural em que prosperam os preconceitos, o padrão da dupla mensagem (da qual vou tratar adiante) e as artimanhas da *invisibilização*. (SOARES, 2004, p.139, 140)

Nessa perspectiva, a partir do que foi apresentado até aqui, podemos observar que, na verdade, o processo educacional vem ocorrendo de maneira cíclica, promovendo as desigualdades sociais, além de auxiliar na discrepância não só educacional como psicológica dos alunos pobres em relação aos alunos com poder aquisitivo. Se a educação é algo constante e se modifica ao longo dos anos, é válido indagar como, desde a década de 90, período este da massificação das escolas, não há projetos que deem voz aos alunos. Um outro questionamento a ser feito é ainda sobre esse ciclo da pobreza, metaforicamente denominado nesta pesquisa. Segundo Marcio Pochmann (2004), a partir da 1990 houve uma piora do mercado de trabalho, sobretudo sobre as classes trabalhadoras na faixa etária entre 15 e 24 anos, ou seja, os jovens. No mesmo período, a escola passa a ser vista como ineficiente, principalmente pela entrada de alunos que correspondem às classes populares.

Pensando nos dias atuais, ainda não há um projeto que se apresente ou dê espaço para que os alunos se mostrem como são. Partindo da premissa que, como todos os parâmetros da vida, sempre ocorrem mudanças importantes, a educação, principal instrumento de mudança, encontra-se estática, sem efeito. Nesse sentido, o que vem sendo modificado ao longo do tempo, não encontra espaço para se apresentar, fazendo da escola uma instituição desinteressante – e desinteressada. Sobre isso, pensando no público alvo deste trabalho, é importante relacionar o papel da escola e a relação com o aluno e sua família. Juarez Dayrell comenta:

Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambigüidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil. (DAYRELL, 2007, p. 1107)

Nessa perspectiva, cabe a escola analisar o perfil do estudante e pensar em estratégias para promover o fim do estereótipo de seus alunos, o que não acontece. É, em especial, tentar trazer para si as reflexões e vivências que a juventude carrega. O que é possível perceber é a instituição com atitudes pré-estabelecidas, pensamentos idealizados do perfil de um estudante adequado. Ainda sobre isso, cabe analisar a realidade deste discente e trabalhar na construção de um ambiente favorável ao diálogo e crescimento individual.

Analisando o crescimento individual do aluno, cabe ressaltar que é no ambiente escolar que ocorrem situações relacionadas ao cotidiano, ou seja, em sala de aula vai sobressair situações culturais e sociais, marcantes principalmente na juventude. Desse modo, pontos como bullying, homofobia e machismo foram descritos como recorrentes em sala de aula e, de acordo com as respostas dos alunos, a instituição escolar não atua de maneira mais resistente para que haja um reparo sobre essas questões. Indagando os discentes sobre a abertura para relatar esses pontos com a escola, isto é, professores, equipe pedagógica e direção, todos disseram que não. Durante a entrevista, um aluno chegou a responder “*de jeito nenhum*”, demonstrando com clareza a distância da unidade escolar.

Podemos fazer uma reflexão sobre a resposta do aluno e a atuação das escolas, principalmente nas camadas mais vulneráveis do Estado. Embora seja profundamente

incômodo ter que passar por uma situação de preconceito, pior seria ter que se expor ao “pedir ajuda” da equipe pedagógica. Entretanto, podemos observar que, embora os alunos demonstrem distanciamento com a escola, também apresentam um desejo de que essa barreira seja destruída. Para isso, é importante a existência de diálogos, ou seja, discussões, reflexões e análises acerca da situação desses jovens. Ainda sobre diálogo e pontes sobre escola e aluno, Freire cita em *Pedagogia do Oprimido* (2013):

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples trocas de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2013, p. 109)

Para o autor, o diálogo se inicia a partir da escolha do conteúdo programático. Sabendo do território ao qual os alunos estão inseridos, trazer este espaço para dentro da unidade escolar amplia a possibilidade de elo e pontes, não somente com o aluno, mas também comunidade escolar. Dessa maneira, a partir do planejamento de um conteúdo, é possível trabalhar de modo a permitir a troca de ideias e possibilitar espaços para a construção em conjunto: educador e educando. Partindo deste conceito, é importante que a escola, represente a realidade do aluno a partir de diálogos, em que o discente tenha a oportunidade de trazer para o debate seu ponto de vista, ou seja, questões importantes para a (des)construção de determinados temas. Pensando no público alvo desta pesquisa, e como a adolescência é um período de profundas indagações, é ainda mais necessário utilizar a comunicação como ferramenta em sala de aula.

O perigo de um olhar distorcido

Relacionando diálogos, assunto abordado no tópico anterior, é importante ressaltar que, a partir de certas falas, é possível ocasionar sérios transtornos, principalmente na autoestima do aluno. Durante a entrevista, uma aluna comentou que, a partir de um constante comentário de sua professora, ela se sentiu muito mal, um “lixo”. Segundo a jovem, a professora, ao ver a turma inquieta, comentava: *“Eu não preciso de vocês, já tenho o meu*

diploma, tenho o meu salário. Vocês que precisam de mim”. A atitude da educadora representa um modelo educacional bancário e verticalizado, a figura do professor como autoritário e o aluno inferiorizado. Esse comportamento pode, na verdade, minar as relações de autoestima e confiança dos alunos, consigo e com o mundo, visto que no ambiente escolar eles são vistos como dependentes do professor e, além disso, não acrescenta nada a ninguém, nem mesmo no espaço de seu próprio processo de formação.

No livro *Psicologia e Educação*, Anna Maria Baeta (2006) comenta as expectativas e visões de professores e alunos, com base na psicanálise. De acordo com a autora, a psicologia tem forte relação com a educação e pode afetar diretamente o rendimento e participação de todos os componentes do ambiente escolar. Para melhor explicar os comportamentos relacionados à educação, a autora destaca o que seria projeção, conceito apresentado a partir do Dicionário de psicanálise, sendo uma operação pela qual o indivíduo expulsa de si algo que não lhe agrada, isto é, aquilo que recusa, podendo ser qualidades, sentimentos e desejos, por exemplo, e acaba por localizar no outro.

Dessa maneira, a partir da negação a olhar a si próprio, o outro pode sofrer interferência. Neste caso em especial, podemos fazer uma comparação da fala da educadora em não depender dos alunos com o possível sentimento de raiva ou frustração por não conseguir chamá-los a atenção, despejando nestes a ideia de dependentes ou irrelevantes, quando, na verdade, esse sentimento é da própria educadora. Sobre o comportamento de professores, como o citado anteriormente, Baeta afirma:

A projeção pode explicar, por exemplo, por que muitos professores consideram que seus alunos são poucos inteligentes ou preguiçosos, quando, na verdade, é o próprio professor que não sabe como motivá-los ou ensinar corretamente. Da mesma forma, muitos alunos projetam nos professores o seu fracasso escolar. (BAETA, 2006, p.116, 117)

Nessa perspectiva, podemos interpretar que, na atitude de alguns educadores – como a professora desta entrevistada - o que fica comprovado não é a ineficiência do aluno, e sim uma frustração do professor sobre a realização de seu trabalho, que acaba despejando sobre o aluno todas as mazelas da educação. Com isso, estudantes em situação de vulnerabilidade se formam enquanto cidadãos com o pensamento de inferioridade e baixa autoestima,

causado pela projeção dos profissionais da educação, como defende Baeta (2006, p. 117): *“Acredito que a desculpa do fracasso escolar das crianças carentes contenha um grande componente de projeção”*.

É importante destacar que tais projeções não ocorrem somente em sala de aula, com o professor. Podem também ocorrer com a merendeira, o porteiro, a equipe pedagógica e mais outros indivíduos que permeiam a escola. É a partir de comentários, comparações, brincadeiras e atitudes que esses alunos, diariamente, vão sendo moldados e violentados. Fazendo uma ligação sobre o assunto, Bourdieu (1989) apresenta a definição de violência simbólica, termo que se refere às constantes situações de violência não física em que os alunos são submetidos e que provocam danos em sua visão sobre si e seres componentes do mundo. Trazendo a definição do sociólogo para a seguinte pesquisa, vale comparar essas situações do cotidiano do indivíduo às violências simbólicas que marcam a disparidade social brasileira. Todos os alunos da pesquisa comentaram que já passaram por uma situação similar ao comentado pela aluna sobre sua professora. Partindo do princípio que alguns dos entrevistados são estudantes da rede privada de ensino, o que podemos concluir é que o fator motivador dessas agressões não é diferença social. Em outras palavras, as maiores vítimas desta violência são os oprimidos, como define Freire (2013). É importante ressaltar que, todo estudante, de diferentes classes sociais, passam por situações de frustração e mudanças comportamentais, principalmente pelo processo de transição ao qual estão passando, provocado pelo período da adolescência. Entretanto, a dor de “ter que se haver” com as comparações e desproporção social é muito mais marcado pelo aluno pobre. Ele carrega consigo as violências sofridas sem ao menos se dar conta de ter sido violentado ou, o que é ainda mais cruel, culpando-se por ter sido penalizado. Sobre o assunto, Paulo Freire comenta:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem deve escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 2013, p. 69)

É na educação básica que o aluno passa pelas maiores experiências: sua relação

consigo e sociedade, apresentação de conteúdos novos, até então sequer discutidos, interação social, etc. É, por assim dizer, neste momento que o indivíduo passa a ter um maior conhecimento de si e do ambiente à sua volta. Sendo assim, é importante que, durante esse processo, o aluno tenha espaço para, antes de tudo, entender a adolescência como um momento de transição e descobertas, importante para a construção de gostos, personalidade e comportamentos. Nessa perspectiva, é primordial que as práticas pedagógicas sejam abordadas com cuidado, respeitando o espaço e desenvolvimento do aluno, sem interferir nos fatores psicológicos do discente.

Ainda sobre interferências em sala de aula, é comum ouvir dos professores falas como “essa turma não é tão boa” ou até mesmo “ a outra turma está mais avançada que vocês”. Esses comentários, disfarçados de motivação, são na verdade ferramentas de depreciação para os alunos. Mais uma vez, é importante destacar o papel da juventude e como este período carrega estigmas que modificam o olhar do docente sobre o aluno. Dessa maneira, uma fala considerada agressiva a uma criança, pode ser vista como normal a um adolescente, visto que eles já estão mais velhos e maduros para ouvir certos comentários. Entretanto, embora este indivíduo seja mais velho e entenda mais situações que uma criança, vale ressaltar que ele ainda está em processo de desenvolvimento, não chegou a maturidade. Com isso, a violência sofrida por este aluno é tão, ou mais grave, uma vez que pode ser vista como banal. Ainda sobre a faixa etária destes jovens, vale ressaltar que, por serem adolescentes, podem se identificar de forma mais fácil a essas reproduções e acabar seguindo-as.

Mais do que um conceito entre outros, ou um mecanismo de defesa a mais, a identificação é, assim, um processo que participa da constituição da personalidade. Papéis de gênero, modelos culturais, etc. são internalizados pela identificação. O perigo é quando as identificações muito arraigadas ou sucessivas impedem a aquisição de uma identidade própria. Não se pode ser sempre Maria vai com as outras. (BAETA, 2006, p. 119)

Trazendo a citação de Ana Maria Baeta (2006) para esta pesquisa, vale destacar o risco de uma identificação equivocada. Ao vivenciar padrões desiguais e pré-estabelecidos,

os alunos podem entender determinada situação como ideal e acabar por reproduzir injustiças. Dessa forma, principalmente no período da adolescência, é fundamental atentar-se ao perigo de exposição a “ídolos” ou identidades erradas. Sobre isso, Baeta acrescenta:

Durante a adolescência este mecanismo é bastante frequente. Os meninos e meninas, ao entrarem na adolescência, em geral, superam identificações com os pais ou outros adultos próximos e passam a se vestir, falar, frequentar locais, todos iguais aos seus pares, ou seja, os outros adolescentes. Muitas vezes notamos na escola e no ensino superior alunos que se identificam com gestos, ideias e modos de falar de alguns de seus professores. (BAETA, 2006, p. 119, 120)

Desta maneira, cabe atenção ao perigo de uma que é reproduzido nas escolas, é responsabilidade dos educadores e escola possibilitar uma educação enquanto formadora de indivíduos críticos e com próprias opiniões. Estimular a reprodução de ideias sem que haja a reflexão do aluno é, como já apresentado aqui, limitar o aluno e promover desigualdade. No entanto, vale mais uma vez destacar o lugar em que os alunos de camadas populares estão em comparação aos alunos de classe média.

A partir do que avaliamos até aqui, podemos fazer uma analogia com o perfil do estudante oriundo de camadas populares. Considerando que as práticas sociais são reproduzidas no cenário educacional, os alunos oriundos de baixa renda são as principais vítimas desse sistema destrutivo, que o forma como um ser inseguro, inibido e desconfiante, principalmente sobre si. Em outras palavras, esses jovens se tornam cidadãos presos a amarras sociais, sem sequer conhecer uma maneira de libertação. Sobre isso, Paulo Freire explica:

Mas, infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando de sua possibilidade. (FREIRE, 2013, p. 62)

Sendo assim, como combate a imagens pré-estabelecidas, é fundamental que o educador permita que o aluno estimule e exerça sua própria visão. É construir o olhar crítico, baseado em suas interpretações e seu conhecimento de mundo, não se esquecendo, é claro, de deixar clara a potência e capacidade do discente. Através dessa práxis, exercida sobretudo através de diálogos, podemos chegar ao conceito de Freire, a prática da liberdade, isto é, o olhar do aluno- principalmente os de baixa renda, que carregam consigo estereótipos destrutivos - através dos muros, das amarras que o cercam. Sendo assim, o aluno cresce com a consciência de que é uma potência, nunca, como relatado pela aluna, um “lixo”.

Sobre a relação entre professor x aluno na perspectiva vertical e autoritária, em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire (2013) analisa uma nova maneira de atuar, sendo ela democrática, horizontal e integrativa:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas (FREIRE, 2013, p. 96)

O propósito de educar, do ponto de vista do professor libertário, deve ser tornar-se um meio de apoio para a construção do aluno. Para uma educação mais proveitosa e agradável às partes, é considerável que o professor utilize como prática essencial a transferência de conhecimentos, permitindo ouvir e olhar o aluno, pois, é a partir deste procedimento que o olhar crítico é estimulado.

Resultante do modelo tradicional e opressor, os alunos comentaram atitudes pertinentes da escola que os incomodam. Uma aluna chegou a disparar “*tem sempre alguém na porta (da escola) para saber se estamos de calça e não short, qual a cor do meu tênis..., mas ninguém quer saber se eu estou bem`´*”. Talvez essa seja uma das maiores críticas à escola apresentada pelos alunos. Ao analisar a fala da aluna, o primeiro questionamento sobre esta fala é: como estes jovens podem estar bem diante da violência simbólica diária a qual estão expostos? São constantes os comentários comparativos, a visão de inferioridade, seus pensamentos e sua história serem vistos como menores ou desprestigiados em comparação a outras, principalmente aqueles de maior condição econômica. A partir dessas atitudes, pensar

que os estudantes, na unidade escolar, apresentam bem-estar, passa a ser custoso. A sensação dos estudantes, e que este trabalho compartilha, é de que a escola padroniza um perfil de aluno ideal: o quieto, que segue com rigor as vestimentas estabelecidas pela escola, sem problemas de relação com a equipe e demais alunos. O grande problema nessa idealização é negar a trajetória de cada indivíduo, sua individualidade, além de gerar frustração de ambos: aluno e escola, ao se deparar com o real. Dessa maneira, é imprescindível que a escola não ignore as realidades e experiências de seu público. Sobre o assunto, López (2005) argumenta:

(...) quando numa escola entram alunos reais muito diferentes desse aluno ideal esperado, seus professores não sabem o que fazer com eles, não encontram o jeito de lidar com eles, não conseguem estabelecer a relação pedagógica sobre a qual se fundamenta o processo de ensino e aprendizagem. (LÓPEZ, 2005, p. 89)

Partindo da premissa de que olhar para os estudantes é essencial para o processo educativo, conhecer o território ao qual estão inseridos é de extrema importância para repensar as estratégias pedagógicas. Ainda sobre o olhar distorcido ao aluno, enquanto a escola se posiciona de maneira a desprestigiar o real, ela atua como principal instrumento a distanciar o sujeito do mundo globalizado, ou seja, ela intervém como reprodutora de desigualdade. Sobre essa discussão, como já abordado aqui, educar é respeitar a singularidade do indivíduo, mesmo que este faça parte de um corpo social. É permitir que o cidadão se veja como único e múltiplo, não diagnosticado a um grupo sem voz e espaço. Pensando no público alvo desta pesquisa, sabemos que há um outro agravante: a faixa etária. É inevitável não apresentar a imagem que a juventude carrega, sobretudo a juventude de camadas populares, como os entrevistados deste trabalho. Infelizmente, embora a educação promova tantas ações positivas, ainda limita os estudantes a públicos genéricos, sem opção de diálogo ou conhecimento de si, como comenta José Machado Pais (1990, p. 140).

Com efeito, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma «unidade social», um grupo dotado de «interesses comuns» e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma

cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também — e principalmente — as diferenças sociais que entre eles existem. Por outras palavras, e como há uma vintena de anos A. Sedas Nunes o reconhecia, «não se vê como possam englobar-se numa mesma geração — e, por conseguinte, num mesmo grupo — indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes»

Dessa maneira, é possível analisar o papel da juventude como aquela sem protagonismo sobre si, principalmente de acordo com os papéis sociais. Entretanto, em meio a essa falta de espaço do jovem, os mesmos se encontram com o desejo de participar dos debates, de questionar o que não concordam e de serem atuantes nos ambientes em que ocupam. O que é podemos analisar é que os jovens de camadas populares disputam constantemente com os rótulos provocados, não só pela sua condição social, como também pela fase da juventude.

Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (DAYRELL, 2007, p. 1117)

Voltando a fala do aluno, ainda é possível indagar um importante fator, isto é, a ideia de uma vestimenta ser mais importante que questões psicológicas, vistas aqui como fundamentais no processo de ensino-aprendizado, causa desconforto e indignação entre os jovens. Nesta perspectiva, a supervisão de vestimentas pode ser comparada a um quartel recepcionando seu soldado. Este, deve apresentar rigor e nenhuma falha, e questões como roupas, cabelo, tatuagens, etc., todas estéticas, são fortemente analisadas. O que incomoda, é que a escola não é - ou não deveria ser - como um quartel general. Se trabalhamos com a ideia de que nossos alunos são seres autônomos e partimos do princípio de uma educação

libertária, não é coerente que questões como o tamanho da calça ou cor do sapato sejam primordiais para aceitar ou não que o indivíduo possa usufruir de seu direito. Ainda sobre essa inspeção a cada aluno, além do regime de rigidez a regras, o tratamento para com o aluno ser baseado na visão militarizada, Foucault (2009) esclarece:

O soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”. (FOUCAULT, 2009, p. 131)

Conseqüentemente, no momento em que situações como inspeção de roupas é visto como essencial, a escola passa a ser considerada pelos alunos como um local de rigidez e militarismo. A sensação destes discentes é que estão sendo “adaptados” a um regime industrial, sem possibilidade de escolha. Ainda sobre a comparação escola e presídio, a impressão de estar em um local com muros altos e cercado de grades, fortemente inspecionados e sem possibilidade de saída no instante em que deseja, pode fazer da escola um local considerado a uma prisão, aumentando ainda mais o desinteresse e desmotivação com o ambiente escolar. Sobre esta, o desconforto é ainda maior partindo do princípio que estes critérios não foram definidos nem autorizados pelos alunos, novamente são regras que não tiveram participação em questionar ou sugerir.

A partir destes pontos destacados, é possível analisar que, na verdade, os alunos pedem que suas necessidades reais sejam vistas pela instituição, como preocupação com saúde mental, por exemplo. Ainda sobre questões psicológicas, é fundamental que a escola atue significativamente neste ponto, visto que pode interferir negativamente na concepção do aluno sobre si, principalmente ao reproduzir modelos ultrapassados.

DE OLHO NO POSSÍVEL

Até aqui foi apresentada a análise dos alunos pertinentes à educação e sua realidade. Entretanto, para uma percepção mais profunda sobre o que eles consideram

positivo e o que pode ser modificado no processo de formação, foi perguntado o que eles acreditam que poderia ser feito de diferente para que a escola atuasse de maneira mais proveitosa. Como resposta, ainda de acordo com a visão dos alunos, a escola poderia se reformular e pensar em novas disciplinas para uma formação mais eficaz, principalmente voltada para a realidade em que eles se encontram. A princípio, é importante destacar como mudança uma aproximação entre educador e educando. Os alunos elogiaram seus professores, entendem seus esforços ao ensinar e acreditam que estes são responsáveis por pontos positivos na escola. Entretanto, os alunos desejam que os docentes permitam um novo olhar, sem filtros, para com eles. Sendo assim, a visão do educador, principalmente da educação básica, deve ser de empatia e respeito ao conhecimento de mundo de cada aluno, tendo apreço pela singularidade de cada indivíduo. Dessa forma, cabe, o progresso dessa relação, não a imposição de um único olhar, mas sim várias perspectivas. Sobre este assunto, Paulo Freire afirma:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (FREIRE, 2013, p. 120)

Ao ouvir esses estudantes, pensando na melhoria da relação discente, docente e equipe pedagógica, uma série de questionamentos são postos. Durante a formação básica, é na escola que os alunos passam mais tempo. De segunda a sexta – algumas escolas atuam aos sábados também - durante um longo período do dia – manhã, tarde, ou até mesmo em horário integral - o jovem frequenta a instituição. Com anos de estudo, imagina-se que os laços entre esses jovens são mantidos e a afinidade com a escola seja preservada, uma vez que muitos alunos passam mais tempo na escola do que em suas próprias casas. Entretanto, ao analisar a visão dos alunos sobre a escola, é possível perceber que, na verdade, essa afinidade ocorre somente entre os alunos e alguns educadores, a relação com a escola não é mantida, ou seja, não há confiança ou segurança para que o aluno se apresente como responsável por ideias, sugestões, críticas e posicionamentos para a instituição a qual estuda. A partir disso, o questionamento que surge é: Por que, mesmo com todo esse contato com a

escola, os alunos não sentem abertura para apresentar seus comentários? O que a escola tem feito para que essa barreira não ocorra?

Pensando em possíveis instrumentos que compactuam na separação aluno x escola, podemos pensar no modelo tradicional como impedimento de novas atividades e projetos para aproximação dos jovens e comunidade escolar. Sabendo da necessidade de um modelo de ensino que não se limite a conhecimentos e informações, o que já foi questionado neste trabalho, devemos expandir tal conteúdo para a cultura em seu sentido integral, ou seja, para uma formação plena. Entretanto, no mesmo momento em que devemos expandir os métodos de ensino para uma formação plena, a estrutura curricular da escola fundamental tem se mantido a mesma, focando principalmente o aspecto conteudista pautado nas disciplinas tradicionais ligadas à informação e conhecimentos. Porém, as diversas mudanças na sociedade devem ser consideradas na concepção de currículo e suas atribuições para a formação humana na perspectiva histórica dos cidadãos. Nesse sentido, se faz necessário um questionamento da estrutura curricular das escolas, tencionando buscar medidas que visem superá-las.

Dessa maneira, pensando na responsabilidade da escola com as questões políticas, sociais e culturais, tornando presente a realidade do estudante em sala de aula, podemos observar a Lei 9394/ 96, de diretrizes e base da educação básica, Título II – Dos princípios de educação nacional, que define:

Art. 3º: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
III – Pluralismo das ideias e concepções pedagógicas;
IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V – Coexistência das instituições públicas e privadas de ensino;
VI – Valorização do profissional da educação escolar; (BRASIL, 1996)

Neste momento, avaliaremos os princípios do ensino, definido pela Lei de diretrizes e base da educação básica e faremos ponte com a situação em que os entrevistados se encontram. Analisando, a princípio, o ponto III, que defende o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, podemos questionar o modelo tradicional, enraizado na educação brasileira. Embora seja especificada na Lei múltiplas concepções pedagógicas, o ponto de partida das escolas continua sendo o ensino tradicional. Cada aluno possui sua singularidade,

sua maneira de aprendizado e particularidade e, sendo a escola uma das principais responsáveis pela construção do indivíduo, sabendo da importância das especificidades de seu público, por que se pautar somente em um único modelo, este ultrapassado? Embora a discussão para novas práticas docentes estejam ganhando força, ainda é o ensino tradicional o mais utilizado nas instituições escolares e, uma vez que a escola acompanha as mudanças sociais e que passamos por constantes transformações, é necessária uma reforma dos mecanismos utilizados atualmente em sala de aula.

Relacionando o ponto III com os demais citados na Lei de Diretrizes, pode-se fazer um diálogo até com o que foi apresentado pelos jovens, não só durante a entrevista, mas em comentários constantes em sala de aula. O respeito à liberdade e apreço à tolerância é violado no momento em que alunos relatam passar por situações de machismo, homofobia e violência dentro da unidade escolar. É fundamental frisar, mais uma vez, que a realidade de uma sociedade se reflete no ambiente escolar, ou seja, todos os ônus e bônus sociais são espelhados em sala de aula e a escola não é a responsável por esses comportamentos, embora possa atuar para uma mudança significativa. Este trabalho tem como finalidade apresentar o que pensam os alunos e discutir, a partir do que foi apresentado por eles, os pontos que os jovens deram mais atenção. Não cabe a este estudo culpar ou responsabilizar a escola pelas mazelas sociais, mas apontar possíveis transformações para melhoria do processo de ensino e aprendizado, resultando em melhorias sociais, sempre partindo do ponto de vista do aluno. Sendo assim, a criação de projetos que deem voz aos alunos - principalmente os oprimidos pela intolerância - a elaboração de atividades para o aluno e comunidade escolar, além de debates, com figuras importantes sobre os temas abordados são essenciais para uma nova educação, mais tolerante e libertadora.

Como último ponto destacado a partir da Lei de Diretrizes, podemos refletir sobre a valorização do profissional da educação. A partir da experiência em sala de aula, foi visto que muitos alunos falam da profissão professor como desprestigiada ou desvalorizada. Essa ideia é resultado de um processo que apresenta a ineficácia escolar, sobretudo mostrar a escola como uma instituição falida. Embora a escola seja a unidade de interação do aluno com o mundo, ainda parte, principalmente de questões políticas, a desvalorização e precariedade do ensino, especialmente público.

A educação é um direito de todo cidadão, garantido em 1934, a partir da nova Constituição. Entretanto, há discrepância entre as unidades de ensino, o que nos permite dizer que ensinar e aprender não vem sendo desenvolvidas de maneira igualitária entre as classes sociais brasileiras. De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal, definida em 1988, sobre a educação básica, defende:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art. 205)

Ainda sobre o direito do indivíduo ao acesso à educação, o Plano Nacional da Educação, PNE, destaca pontos essenciais para o educar, presente no Artigo 2º, da Lei número 13.005/2014, os pontos II, III, IV e V:

II - universalização do atendimento escolar;
III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
IV - melhoria da qualidade da educação;
V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade. (BRASIL, 2014)

Apesar da existência de um documento oficial em que autentique que a educação é o instrumento responsável pela formação de uma sociedade menos desigual e mais justa, não é isso que ocorre, principalmente com os alunos entrevistados. Em suas unidades de ensino, em especial as escolas públicas, há uma estrutura precária para receber o estudante, falta de aparelhos de ar condicionado, mesas e cadeiras quebradas, ventiladores sem manutenção, além da falta de professores, estes que se afastam ou pelo desânimo causado pela desvalorização da educação e da profissão professor, ou pela baixa remuneração, optando trabalhar em outras áreas, ou até mesmo aqueles que adoecem e precisam cuidar de sua saúde, física e mental, uma vez que, dando aula, acabam desencadeando problemas psicológicos, como depressão, estafa, e pressão alta, como consequência de estresse no ambiente de trabalho. Indivíduos que estudam em escolas sem estrutura, com profissionais

desestimulados e sem possibilidade de mudança, crescem e naturalizam a precariedade educacional, o que é um grande problema. Sobre isso, Libaneo argumenta:

A escola que sobrou para os pobres, caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluídas na expressão educação inclusiva), transforma-se em uma caricatura de inclusão social. As políticas de universalização do acesso acabam em prejuízo da qualidade do ensino, pois, enquanto se apregoam índices de acesso à escola, agravam-se as desigualdades sociais do acesso ao saber, inclusive dentro da escola, devido ao impacto dos fatores intraescolares na aprendizagem. Ocorre uma inversão das funções da escola: o direito ao conhecimento e à aprendizagem é substituído pelas aprendizagens mínimas para a sobrevivência. Isso pode explicar o descaso com os salários e com a formação de professores: para uma escola que requer apenas necessidades mínimas de aprendizagem, basta um professor que apreenda um kit de técnicas de sobrevivência docente (agora acompanhado dos pacotes de livros didáticos dos chamados sistemas de ensino) (LIBÂNEO, 2012, p. 23).

Partindo do princípio que educar é mover o indivíduo, para que ele mova a sociedade, como podemos instruir alguém a locomoção se estamos na inércia social? Ao passo que a escola, fundamental instituição nacional, se mostra tão desvalorizada, o valor que transmite ao indivíduo é de que o espaço do educar é deixado de lado para a promoção de violação e dominação violenta, não só sobre os trabalhadores da educação e estudantes, mas sim a todo o cidadão brasileiro. Dessa maneira, o que é possível declarar é que as instituições públicas de ensino cada vez mais se apresentam precárias e negligenciadas do ponto de vista do poder público.

Ainda do ponto de vista ético e moral, principalmente às formas de discriminação, ainda faltam metodologias ativas para que haja uma redução desses danos. É necessária uma nova avaliação sobre a escola e sua eficácia na vida dos estudantes. Para isso, encontramos um novo empecilho, as formas de avaliação educacional. A principal verificação da qualidade de ensino, atualmente, se dá por meio das avaliações em massa, que avaliam questões programáticas, os conteúdos das disciplinas. Esse fato contribui para uma compreensão de que existe ainda uma carência no ensino tradicional que privilegia conteúdos e informações pré-fabricados e impede uma formação que vise o aspecto cultural e social em seu sentido pleno, ou seja, para uma formação humano-histórica. Atrelado ao conceito de

qualidade educacional, há a negligência com os alunos e profissionais da educação, ignorando-os como participantes, como define Girotto (2019, p. 2).

De forma geral, as políticas educacionais sob a ótica do neoliberalismo têm reforçado a concepção da escola como instituição simples, capaz de ser controlada e gerenciada a partir de uma lógica de gestão por e para resultados. Nessa concepção, professores e alunos são definidos como indiferenciados, sujeitos às ações que pouco compreendem, porque pouco participaram de sua construção. Elaboradas a partir do discurso e da ação dos especialistas competentes (CHAUÍ, 2010), tais políticas contribuem para reproduzir o abstracionismo pedagógico (AZANHA, 2011), negando, assim, a importância do contexto socioespacial da escola, da educação e dos diferentes sujeitos.

Sendo assim, é possível observar que no currículo escolar, promovido pelas políticas educacionais, ocorre o privilégio da esfera tradicional do ensino, ignorando as particularidades dos sujeitos que compõem a sociedade. Dessa maneira, fica cada vez mais distante a discussão de uma reforma curricular, partindo da lógica de uma educação mais inclusiva e pertencente à comunidade, uma vez que rejeita fatores que envolvem a formação do indivíduo e priorizam conteúdos limitados da grade curricular, como matemática e português, por exemplo. A esse respeito, observa Paro (2007, p. 113-114):

O currículo é um dos aspectos que mostram mais enfaticamente como a escola tradicional tem privilegiado uma dimensão "conteudista" do ensino, que enxerga a instituição escolar como mera transmissora de conhecimentos e informações. Daí a relevância de se pensar em sua reformulação em uma perspectiva mais ampla que contemple a formação integral do educando. Todavia conteúdos como dança, a música, as artes plásticas e outras manifestações da cultura são igualmente necessários para o usufruto de uma vida plena de realização pessoal. As questões relacionadas com a ética, a política, a arte, o cuidado pessoal, o uso do corpo e tantos outros temas relacionados ao viver bem das pessoas e grupos não podem constituir apenas "temas transversais" a compor versões escritas de currículos, mas transformar-se em temas centrais na prática diária das escolas.

A partir da citação de Paro, podemos refletir sobre o que é visto como importante ou não em sala de aula. Ao destacar algumas disciplinas e dar menos importâncias a questões sociais e culturais, acabamos por promover uma educação conteudista que nos afasta do real

propósito de educar: formar seres críticos. Dessa maneira, cabe uma mudança não só curricular, saindo do modelo tradicional e caminhando para uma educação mais humanizada, como também ideológica. Com isso, cabe uma reflexão sobre qual papel a escola quer empenhar na vida do aluno: de reprodução ou formação. Sendo a segunda opção, defendida neste trabalho, é urgente que a escola ouça e veja o que está a sua volta. Ainda sobre a discussão de um olhar diferenciado ao debate curricular, Eduardo Donizeti Girotto acrescenta:

Assim, é fundamental que os debates curriculares reconheçam a complexidade que envolve a educação pública, o que não tem sido levado em consideração no atual debate sobre a BNCC. Partimos do pressuposto de que “o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula” (APPLE, 2013, p. 71). Trata-se, como aponta o autor, do resultado de tensões entre diferentes sujeitos, concepções e práticas e, por isso, este se configura como importante momento para colocar em diálogo os sentidos da escola e da educação pública no interior de um determinado projeto de sociedade. Isolado, o debate curricular pode contribuir para a reprodução de um modelo de política pública de educação que, ao não assumir a concretude da escola e dos seus sujeitos, diversa e desigual, implica manutenção de dualidades e privilégios que têm marcado, historicamente, o processo de escolarização no Brasil. (GIROTTI, 2019, p. 8)

Dessa maneira, como defende Girotto (2019), a reforma curricular deve andar em conjunto com as práticas docentes, a realidade do aluno e como a instituição escolar tem atuado de maneira a promover desigualdade social entre os alunos, principalmente aqueles de escolas públicas. Não se pode pensar em educar sem analisar o contexto e espaço do aluno – e professor. Além disso, a educação é iniciada antes mesmo da sala de aula, o processo ocorre no momento em que o discente tem conhecimento da escola.

Émile Durkheim (2013) defende a ideia de uma sociedade orgânica, na qual não tenha a naturalização dos fatos, isto é, todos os fenômenos sociais foram construídos, não surgiram “repentinamente”, como vemos hoje. Dessa maneira, o que hoje faz parte da educação é o que vivenciamos, o que traz a ideia de que educar é lidar com as práticas diárias. Partindo deste princípio, a educação é interligada a questões do cotidiano, além de conceitos estipulados pela escola, como questões de português e matemática, por exemplo. Durkheim explica que, referente à educação, não é possível estimular crianças de acordo somente com

a visão dos pais, ou seja, como queremos. Isso acontece, pois, a sociedade estabelece padrões ditos aceitos ou não, e na escola que esses padrões são praticados e elaborados. Sendo assim, cabe reforçar que a unidade escolar não é responsável somente por conteúdos disciplinares, mas também o posicionamento e hábitos sociais. Durkheim utiliza como argumento que a educação corresponde com cada época a qual ela é passada, como na afirmação: “*Na verdade, cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível*” (DURKHEIM, 2013, p. 36).

Dessa forma, podemos pensar que a ideia de uma mudança no currículo para elaborar as práticas docentes é necessária, para que, dessa forma, a escola possa trabalhar novas questões, mais atuais, que surgem de acordo com as demandas sociais, visto que os costumes e ideias que marcam os meios educacionais são resultados da vida e necessidades em sociedade. Visto que a educação se modifica ao longo do tempo, a cada geração novas necessidades surgem e cabe à escola pensar em novas dinâmicas para lidar com esses requerimentos, como Elisete Medianeira Tomazetti e Vitor Schlickmann afirmam no artigo *Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido (2003)*:

Em muitos sentidos, Souza (2003) considera a escola como esvaziada de suas finalidades educativas e, por conseguinte, desvalorizado o conhecimento escolar. Caberia, então, uma reconfiguração da mesma, com o propósito de motivar a prática pedagógica dos professores, no intuito de sensibilizar o aluno para o seu processo de aprendizagem. As mudanças legais e seu desencadeamento no campo da prática falham no sentido de ter presente um projeto educacional que não seja estéril de sentido para os estudantes. (TOMAZETTI e SCLICKMANN, 2016, p. 333).

Colocando em prática o olhar discente

Ainda de acordo com a reformulação curricular e desejo dos estudantes, cabe aqui espaço para destacar os principais pontos de mudança citados durante a entrevista. A escola poderia se reestruturar e pensar em novas disciplinas para uma formação mais eficaz, principalmente voltada para a realidade em que eles se encontram. Educação financeira,

política e sexual foram as principais modificações comentadas na pesquisa. Os alunos acham importante que, desde a educação básica, possam conhecer e estejam familiarizados com esses temas. É importante destacar que, de acordo com os alunos, a educação política não é voltada a partidos, mas sim a uma discussão sobre sociedade e organização.

“Eu não sei a diferença de prefeito pra governador. Não sei o que eles fazem. Nunca conversaram direito comigo” é o relato de um aluno que demonstra sentir interesse em conhecer o que lhe é permitido por lei, sendo pertinente o questionamento de como não sabe algo que, para muitos, é simples. Em paralelo a isso, há uma questão política, citada pelos alunos: *“A escola quer que a gente fique burro”*. O comentário deste aluno demonstra como os jovens têm consciência da educação como um instrumento de dominação, poder e influência e que, na verdade, a ineficácia escolar pode ser entendida como proposital, visto que a ideia é dar prosseguimento às desigualdades sociais. Sobre isso, o aluno continua: *“A gente sem estudar, acaba não sabendo o que quer, não sabe votar, não consegue ir atrás dos nossos direitos... É isso que eles querem”*.

O desabafo deste aluno carrega diversas indagações sobre educação e política. Ele atribui à escola a responsabilidade de continuar a exercer a desigualdade e dominação das classes dominantes sobre as camadas dominadas. A “culpa” pela falta de reflexão, criticidade e autodomínio é das instituições de ensino que não proporcionam uma interação do aluno com a realidade social ao qual vivem, mesmo que este saiba as mazelas que encontra durante o percurso escolar. Sendo assim, é possível questionar o papel da educação por controlar as camadas vulneráveis e promover a alienação dos dominados sobre os dominadores. Sobre isso, Bourdieu (1989) apresenta a definição de produções simbólicas e como elas podem atuar de maneira a atuar discrepância para as camadas populares. Além disso, define também a maneira como essas produções são expostas:

Contra todas as formas do erro <interacionista>, o qual consiste em reduzir as relações de força a relações de comunicação, não basta notar que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlatch*, podem permitir acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <sistemas simbólicos> cumprem a

sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <domesticação dos dominados>. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Nessa perspectiva, podemos refletir que, em outras palavras, o aluno mencionou que a escola, quando não apresenta a discussão sobre questões políticas, promove a domesticação do aluno. Ainda fazendo uma relação do pensamento de Bourdieu (1989) com a fala do aluno, podemos refletir a acerca do papel da educação e como ela atua ao avesso do que realmente deve exercer. Educar é permitir que o indivíduo possa transitar em diferentes áreas, que ele tenha autonomia para criar reflexões sobre distintos cenários. Entretanto, o que é visto como educação é a reprodução de dominação e visão de superioridade das camadas dominantes. Sendo assim, ao ensinar, o docente pode estimular valores simbólicos que limitam o aluno.

Sabemos que, a partir da fala do entrevistado, a crítica real não foi feita para a escola, muito menos aos professores e equipe pedagógica. Esse questionamento é muito mais profundo, pode ser direcionado às unidades responsáveis que regulam e direcionam todo e qualquer investimento à educação, aqueles que destinam verba, que autorizam ou não melhores condições de ensino e estrutura para as unidades educacionais. Sobre a escola, esta é necessária por apresentar a realidade e pensamento crítico, envolvendo o conhecimento de pontos chaves, como representantes e poderes. Entretanto, a partir de uma interferência e desvalorização educacional, muitos alunos, em especial os de camadas populares, são impossibilitados de ter acesso àquilo que lhe é direito. Dessa maneira, quando não se apresenta o básico ao aluno, quando lhe é retirado o direito de exercer criticidade, o processo de ensino-aprendizado é falido. Para estes que não obtiveram seus direitos garantidos, a classificação dos discentes como seres *burros*, o que também pode ser substituído pelo adjetivo ignorantes.

Já de acordo com a disciplina sexualidade, é importante frisar que nada mais é que esclarecer dúvidas referentes ao corpo e proteger os alunos de possíveis abusos. Sobre o assunto, é possível perceber várias indecisões dos jovens sobre questões como métodos contraceptivos, orientação sexual, questões de gênero, etc., e, para sanar tais pontos, é

necessária uma disciplina que converse com os temas. Da mesma maneira em que alunos sentem dificuldade em questões de língua portuguesa, por exemplo, havendo a disciplina e um educador para auxiliar nestas dúvidas, é relevante a permanência de um educador para explicar aos alunos que seus corpos estão passando por transformações e, antes de tudo, conscientizá-los da importância da preservação e cuidado dos mesmos. Alguns alunos, principalmente durante o fim da infância e início da adolescência, passam por situações de abuso sexual e, muitas vezes, não têm conhecimento de que foram violentados. Dessa maneira, é ainda mais urgente que a escola ministre disciplinas a proteger e reconhecer os alunos, em especial as meninas, principais vítimas de assédios e violências.

Como terceiro e último ponto a ser apresentado, há o pedido de um outro olhar às questões financeiras. Os alunos comentaram que nada entendem sobre questões econômicas, como empréstimos, juros, cartões, etc. É interessante relacionar a demanda que estes jovens fazem à escola com educação financeira, principalmente os adolescentes, que tanto almejam trabalhar para possuir sua própria renda. A preocupação em conseguir administrar e conhecer fatores monetários é legítima, uma vez que muitos já terão que trabalhar e auxiliar suas famílias nos gastos de casa. Mais uma vez, a escola pode - e deve - auxiliar seus estudantes, antes que estes “caiam” nos juros, empréstimos e perda econômica, situações estas que os alunos não querem passar, embora não saibam como evitar, muito menos gerenciar suas finanças.

É importante destacar que, como visto anteriormente, o direito ao ensino e conhecimento é garantido a todo cidadão, não podendo ocorrer distinção entre as camadas sociais. Sendo assim, todos os pontos apresentados pelos alunos cabem a uma reformulação curricular, visto que estas disciplinas atendem necessidades reais dos alunos, como resume José Carlos Libâneo (2012, p. 17).

Assim, não se trata mais de manter aquela velha escola assentada no conhecimento, isto é, no domínio dos conteúdos, mas de conceber uma escola que valorizará formas de organização das relações humanas nas quais prevaleçam a integração social, a convivência entre diferentes, o compartilhamento de culturas, o encontro e a solidariedade entre as pessoas.

Por mais que os temas apresentados pelos jovens façam parte de suas vidas, ainda não é apresentado nas unidades escolares, ao menos nas escolas dos alunos entrevistados, projetos que permitam a discussão e desenvolvimento destes assuntos. Pensando em uma escola mais democrática e dinâmica, por que não acrescentar esses temas no planejamento ou projeto político pedagógico (PPP)? É evidente que, atuando juntos, a educação só será beneficiada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos todos os fatores educacionais a partir do ponto de vista do aluno. A cada comentário, trazendo a experiência em sala de aula, foi possível traçar ideias e argumentos acerca do principal instrumento de mudança social: o estudar. Sendo assim, durante toda a entrevista, o que evidencia a fala dos alunos é a importância que a escola possui na vida não só deles, como também de suas famílias. Estudar não é mera reprodução - conceito tão enraizado pelas práticas docentes tradicionais - para os jovens, esta ação indica pertencer, fazer parte, e, até mesmo, resistir, principalmente por continuar ocupando um espaço que não apresenta abertura para que se apresentem, suportar situações de violência moral e psicológica e física – não nos esqueçamos que esses alunos residem em território brutalmente atacado pelas políticas de segurança pública, sendo afetados em dias letivos, estresse em sala de aula por conflitos armados, falta de interesse de profissionais da educação em atuar na área, entre outras situações de desigualdade social. Mesmo diante de todas essas barreiras, os alunos enxergam a educação como única oportunidade de crescimento social e pessoal.

A partir dessa realidade, é possível perceber em toda entrevista que, na verdade, o principal desejo dos alunos sobre a escola não é o fim ou afastamento dela, muito pelo contrário, os jovens têm o desejo de estarem mais atuantes nas escolhas escolares. Sabemos que, embora a escola seja essencial para a formação do indivíduo, sem ele, ela passa a ser inexistente. Com isso, cabe ressaltar a participação conjunta, uma vez que a educação envolve como participantes toda a comunidade. Um outro ponto muito importante para a análise das respostas é a faixa etária discente. Visto que estão em idade de transição para a vida adulta e anseio pela independência pessoal e financeira, requisitam da escola ainda mais

atuação para sua autonomia e liberdade. Desejam, através da educação, auxílio de demandas do dia a dia, para que, a partir do que foi visto na escola, consigam realizar ações práticas, como realizar procedimentos bancários, analisar e questionar perfis políticos e, principalmente, ter conhecimento de seus direitos. Como já visto neste trabalho, educar é lidar com a realidade do aluno e, sobretudo o público jovem, sabe isso e busca na escola ações que auxiliem na tomada de decisões. Dessa maneira, é compreensível - e legítima - uma modificação nas disciplinas e atividades da escola, permitindo que o discente tenha contato com temas fundamentais, como educação financeira, sexualidade e política, por exemplo. Trazer para a sala de aula o que atrai o aluno fora dela é uma estratégia eficaz e inteligente não só para a permanência do aluno na escola, como também na sua formação como cidadão.

A partir desta afirmação, vale questionar o motivo da escola continuar a reproduzir tanto distanciamento e comportamentos ultrapassados, marcadores de desigualdade. Como apresentado neste trabalho, a admiração pela escola e educação pode ser interpretada com uma herança passada pelos pais, que apoiam e buscam que seus filhos tenham a formação que não tiveram. Sendo assim, é ainda mais notório que a escola tem fortes aliados: os responsáveis. Dessa maneira, cabe ainda mais à escola estimular os jovens e ouvir suas ideias, tão pertinentes e adequadas ao processo de formação do indivíduo. Afinal, quem melhor que os próprios alunos para apresentar o que mais os atraem?

Este trabalho acredita que estas ideias, apresentadas de maneira tímida e ao mesmo instante inquieta, são fundamentais para a criação e discussão de novos projetos e modelos educacionais, que combatam a desigualdade escolar, tão marcada desde o acesso de alunos pobres às unidades educacionais. Sabemos que, por mais atuante que a escola seja, ainda há sérias questões que afligem a educação, sobretudo pública, nos dias atuais. Sendo assim, não nos cabe julgar o esforço de cada educador e equipe pedagógica, em condições precárias de trabalho, e sim apresentar um olhar de quem é muito citado, mas pouco ouvido. Sabemos que educar é atravessar pontos externos que marcam o indivíduo fortemente. É, em metáfora ao olhar, enxergar uma luz no fim do túnel, numa trajetória cheia de contratempos - em especial ao público alvo desta pesquisa, principalmente pela falácia, como a ideia de meritocracia, falta de investimento e conflitos armados na região da Maré, que massacram constantemente

o estudante morador de comunidade. Dessa forma, é ainda mais estimado o poder de luta desses jovens que, cotidianamente, dão um passo, com o destino ao fim do túnel, este com oportunidades e direitos ao qual merecem.

Acreditamos que todas as críticas e objeções ao educar são pertinentes, consideramos um ato de coragem e criticidade destacar pontos de uma instituição que tem o “poder” de aprovar ou reprovar seus conhecimentos, seu saber. Através do olhar direto do aluno, sabemos que é possível melhorias significativas nas pontes de saber, estas interativas e acessíveis a todos os públicos. Cada perspectiva, por menor que seja, foi analisada e considerada válida, uma vez que o desejo principal dos alunos é que a escola, um dos ambientes de maior interação destes, valorize suas necessidades reais e que, a partir de pontes, analisem e enxerguem a educação de uma maneira mais igualitária. Afinal, é através dela o indivíduo é afetado, tendo consciência de seu papel no mundo, ou seja, sujeito de ações. Sobre isto, cabe a definição de Paulo Freire (1979, p. 84), que resume o papel da educação e quem ela modifica: “*Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

BAETA, Anna Maria. *Psicologia e Educação*. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2006

BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <www.mec.gov.br> Acesso em 12 fev. 2022

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. PARECER Nº CNE/ CP 009/201, aprovado em 08/05/2001

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun.

BURGOS, M. B. (org.). *A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.

COSTA, Carlos Alberto Jales. *A pedagogia libertária de Carl Rogers: um estudo de suas características*. Tese (doutorado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1980.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100 (Especial), p. 1105-1128, 2007.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Edições Loyola. São Paulo, 2013

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. *Pode a política pública mentir? A Base Nacional Comum Curricular e a disputa da qualidade educacional*. Educação & Sociedade [online]. 2019, v. 40. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019207906>>. Acesso em 27 jan 2022

KRISTENSEN, Christian Haag, SCHAEFER, Luiziana Souto e BUSNELLO, Fernanda de Bastani. Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. Estudos de Psicologia (Campinas) [online]. 2010, v. 27, n. 1 [Acessado 10 Abril 2022] , pp. 21-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100003>>.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável*. 1ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2004

LIBÂNEO, J.C. *O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011005000001>. Acesso em 2 fev 2022.

MELLO FILHO, J. *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 1992.

NOGUEIRA e CATANI (1998). Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (orgs.) *Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

NOGUEIRA, M. A. *A relação família escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas*. *Análise Social*, Lisboa, v. 40, n. 176, p. 563-578, 2005.

PAIS, José Machado. A Construção Sociológica da Juventude – alguns contributos. In: *Análise Social*. Vol. 25 (105-106), 1990, p. 139-165.

PARO, V. H. *Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino* São Paulo: Ática, 2007

PORCHMANN, Marcio. *Juventude em busca de novos caminhos no Brasil*. In: *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

REDES DA MARÉ. Censo Populacional da Maré. Rio de Janeiro, 2019.

RESENDE, Tania de Freitas, NOGUEIRA, Cláudio Marques M. e NOGUEIRA, Maria Alice. *Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares*. *Educação & Sociedade* [online]. 2011, v. 32, n. 117, pp. 953-970. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/jSGcKHYj4qZnBmv4F8sN9Lj/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em 2 fev 2022.

ROGERS, Carl R. *Significant learning: in therapy and in education*. In: LEEPER, Robert R. *Curricular concerns in a revolutionary era*. Washington, D.C.: Association for Supervision and Curriculum Development, p. 68-77, 1971.

ROGERS, Carl. *Sobre o Poder Pessoal*. S. Paulo, Martins Fontes Editora, 1989, 3ª edição.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. IN: *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira e SCHLICKMANN, Vitor. *Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido*. *Educação e Pesquisa* [online]. 2016, v. 42, n. 2, pp. 331-342. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-9702201606139017>>. Acesso em 1 fev 2022

TRIGUEIRO e CAMASMIE (2014). Observação da reunião de pais: evidências da ausência de diálogo. In: BURGOS, M. B. (org.). *A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.

VENTURA; CASTRO e BURGOS e CAMASMIE (2014). Região escolar e o mundo do aluno: os casos da Rocinha e da Maré. In: BURGOS, M. B. (org.). *A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.